



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA

PABLO PATRICK LOPES MOREIRA

IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA: Mudanças e Permanências na comunidade
de Tamanduazinho no município de Cametá- PA



Marabá/PA
2023

PABLO PATRICK LOPES MOREIRA

IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA: Mudanças e Permanências na comunidade de Tamanduazinho no município de Cametá- PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Geografia, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus de Marabá, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Gleice Kelly da Costa Menezes

Marabá/PA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

M838i Moreira, Pablo Patrick Lopes
Identidade territorial ribeirinha: mudanças e permanências na comunidade de Tamanduazinho no município de Cametá- PA / Pablo Patrick Lopes Moreira. — 2023.
94 f. : il. color.

Orientador (a): Gleice Kelly da Costa Menezes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Geografia, Curso de Bacharelado em Geografia, Marabá, 2023.

1. Territorialidade humana. 2. Cultura - Preservação. 3. Comunidades - Amazônia. 4. Cametá (PA) – História. I. Menezes, Gleice Kelly da Costa, orient.
II. Título.

CDD: 23. ed.: 304.23

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

PABLO PATRICK LOPES MOREIRA

IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA: Mudanças e Permanências na comunidade de Tamanduazinho no município de Cametá- PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Geografia, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus de Marabá, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Data de aprovação: Marabá (PA), 03 de novembro de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Gleice Kelly da Costa Menezes
Orientadora

Prof. Dr. Elivelton da Silva Fonseca
Avaliador interno (ICH/FGEO/Unifesspa)

Prof. Dr. Sérgio Moreno Rédon
Avaliador externo (IEDAR/FACE/Unifesspa)

DEDICO este trabalho para a minha mãe Maria Durvalina e a todos os ribeirinhos da comunidade de Tamanduazinho, onde nasci e voltei para contar um pouco das dinâmicas sociais e culturais dessa comunidade. Através dessa dedicação expresseo meu profundo respeito pelos povos ribeirinhos da Amazônia, que este trabalho possa contribuir ainda mais para a valorização das suas identidades e suas culturas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de concluir mais uma etapa da minha vida.

Agradeço à minha família, pelo apoio e por toda a compressão e ao meu companheiro Marcos Gonçalves.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Gleice Kelly da Costa Menezes, pela sua disponibilidade e seu comprometimento na dedicação de orientar este trabalho, sua expertise e dedicação foram fundamentais para conclusão deste estudo.

A Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará de forma geral, por proporcionar um ambiente propício de aprendizado, pela estrutura acadêmica e pelos recursos disponibilizados que contribuíram significativamente para a finalização de mais uma etapa de estudo.

Agradeço a todos os professores que compartilharam os seus conhecimentos e experiências ao longo do curso, enriquecendo minha formação acadêmica e contribuindo para minha trajetória profissional.

Por fim agradeço e expresso minha gratidão aos moradores da comunidade de Tamanduazinho que se disponibilizaram em participar das entrevistas, cuja suas participações e colaboração foram essenciais para a realização das entrevistas e para a compreensão das relações e de suas identidades. Agradeço por compartilharem suas histórias, conhecimentos, contribuindo para a construção deste trabalho e enriquecendo minha experiência como pesquisador.

“Eu nasci no interior, nunca neguei a ninguém a terra que a gente vem merece todo amor, lá eu sorrir, sentir dor, lá eu fui feliz demais sempre que olho pra trás lembro-me das coisas boas que ali vivi”.

(BRAULIO BESSA)

RESUMO

O presente trabalho tem como abordagem central, o estudo e análise da identidade territorial ribeirinha na comunidade de Tamanduazinho no município de Cametá no estado do Pará. Contextualizando a modernização e analisando as mudanças e permanências ocorridas no modo de vida dos moradores da referida comunidade. Através de entrevistas em campo e em diferentes dias, foi possível obter informações relevantes para o desenvolvimento dessa pesquisa. O trabalho tem como objetivo geral analisar as mudanças e as permanências na identidade territorial ribeirinha e no modo de vida dos moradores da comunidade de Tamanduazinho em Cametá. O estudo ainda destaca a importância de compreender a identidade ribeirinha no contexto da Amazônia na forte relação dos ribeirinhos com o rio e a floresta. Uma abordagem dos conceitos de território, identidade territorial, modo de vida, territorialidade, abordado pelos principais autores que foram referências para esse trabalho, como: H. Lefebvre (2000), Santos (2004), Souza (2000), Haesbaert (2004, 2007), Walter Cruz (2008, 2009) e demais autores neste trabalho citados. Além dessas abordagens, o estudo ainda abordou o processo histórico e dinâmico, influenciados pelas transformações trazidas pela modernização. Além disso, o estudo fez comparações entre os moradores mais idosos com os mais jovens, na busca de compreender as visões e concepções dos mesmos. Durante a realização do trabalho muitas perguntas foram respondidas através das análises dos dados coletados. Em suma o processo de transformação é evidente na comunidade, mas as permanências de muitos costumes ainda fazem parte da vida dos moradores, mesmo com o processo de mudanças ocorridas, pode-se destacar que as identidades dos ribeirinhos continuam sendo influenciadas pelas suas relações com o rio e floresta. A preservação dos costumes é fundamental para que as gerações possam entender o processo de formação de suas identidades, Cametá apresenta uma cultura ribeirinha muito forte sendo importante compreender as mudanças ocorridas e as coexistências mantidas.

Palavras-chaves: Territorialidade; ribeirinhos; Amazônia; transformações; coexistências.

ABSTRACT

This work focuses on the study and analysis of the riverside territorial identity in the community of Tamanduazinho in the municipality of Cametá in the state of Pará. Providing context on modernization and examining the changes and continuities that have taken place in the residents' way of life in this community. Through field interviews conducted on different days, relevant information was gathered for the development of this research. The main objective of this work is to analyze the changes and continuities in riverside territorial identity and the way of life of the residents of the Tamanduazinho community in Cametá. The study also emphasizes the importance of understanding riverside identity in the context of the Amazon, highlighting the strong relationship between the riverside people, the river, and the forest. Concepts such as territory, territorial identity, way of life, and territoriality are addressed, drawing from key authors such as H. Lefebvre (2000), Santos (2004), Souza (2000), Haesbaert (2004, 2007), Walter Cruz (2008, 2009), and other authors referenced in this work. In addition to these approaches, the study also explores the historical and dynamic processes influenced by the changes brought about by modernization. Furthermore, the study compares older residents with younger ones, aiming to comprehend their perspectives and beliefs. Throughout the research, many questions were addressed through the analysis of collected data. In essence, the process of transformation is evident in the community, but the persistence of many traditions remains a part of the residents' lives. Despite the changes that have occurred, it's crucial to highlight that riverside identities are still influenced by their connections with the river and forest. Preserving these traditions is essential for future generations to understand the formation of their identities. Cametá possesses a robust riverside culture, underscoring the significance of comprehending the changes that have taken place alongside maintained coexistences.

Keywords: Territoriality; riverside people; Amazon; transformations; coexistences.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Entrevistas sobre a relação com o rio e a floresta no passado.....	39
Quadro 2- Entrevistas sobre a relação com o rio e a floresta no presente	47
Quadro 3 - Entrevistas sobre as mudanças em meio à modernização na comunidade	59
Quadro 4 - Quadro sobre os meios de cultura e sociabilidade entre os jovens e idosos.....	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa de localização do Baixo Tocantins	31
Figura 2- Carta imagem do município de Cametá.....	33
Figura 3- Mapa de localização da Comunidade ribeirinha de Tamanduazinho	34
Figura 4 - Imagem da Comunidade de Tamanduazinho	36
Figura 5 - Imagem da comunidade, mostrando o rio e as casas	38
Figura 6 - Imagem de um casco de remar na comunidade.....	41
Figura 7 - Imagem de lanchas/barcos na comunidade	42
Figura 8 - Imagem de pescador com malhadeira na comunidade	43
Figura 9 - Imagem da Vila do Carmo	43
Figura 10 - Cacau secando na ponte para ser vendido.....	44
Figura 11 - Matapís para a pesca do camarão	45
Figura 12 - Imagens das voadeiras/lanchas utilizadas na comunidade	49
Figura 13 - Imagens de ribeirinhos no rio nas rabetas	50
Figura 14 - Imagens da seca e da cheia na comunidade	51
Figura 15 - Imagens do cultivo do Açaí.....	52
Figura 16 - Imagens dos compradores de açaí na comunidade	53
Figura 17- Imagens de equipamentos de internet	62
Figura 18 - Imagens de criação de serimbabos na comunidade	63
Figura 19 - Imagem de família reunida no assoalho da casa.....	64
Figura 20 - Imagem dos documentos do projeto extrativista para as comunidades ribeirinhas	66
Figura 21 - Imagem de casas de alvenaria na comunidade	66
Figura 22 - Imagem ilustrativa de um Alguidar	67
Figura 23 - Imagem de bateadeira de açaí usada na comunidade	68
Figura 24 - Imagem de fogão à lenha	68
Figura 25 - Imagem de elementos da energia elétrica na comunidade	69
Figura 26 - Imagens da festa do sagrado coração de Jesus	76
Figura 27 - Imagem de ribeirinho tomando banho no rio	77
Figura 28 - Imagens de ribeirinhos no rio	78
Figura 29 - Imagens que representam demarcação e proibição do uso do território	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cronograma da realização do trabalho de campo na comunidade	17
Tabela 2 - Fontes dos dados e informações fornecidas por coordenadores da comunidade	18
Tabela 3 - Faixa etária e números de habitantes da comunidade	34

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

ACS	Agente Comunitário de Saúde
CC	Coordenador Comunitário
CP	Colnia dos Pescadores
CR	Comunidade Ribeirinha
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonizao e Reforma Agrária
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: IDENTIDADE TERRITORIAL: “UMA ANÁLISE CONCEITUAL E TEÓRICA E SUA RELAÇÃO COM AS COMUNIDADES RIBEIRINHAS NA AMAZÔNIA”	20
1.1. Analisando o conceito de identidade territorial.....	20
1.2. Analisando o conceito de território e territorialidade	22
1.2.1 O modo de vida e suas concepções	24
1.3. Identidades territoriais e as comunidades ribeirinhas da Amazônia: um breve histórico	25
CAPÍTULO 2: A RELAÇÃO DOS MORADORES DE TAMANDUAZINHO NO PASSADO E NO PRESENTE COM O RIO E A FLORESTA.	29
2.1. Formação territorial do baixo Tocantins	29
2.1.1. Uma abordagem histórica do município de Cametá	31
2.2. Chegando à comunidade: breve histórico de Tamanduazinho.....	33
2.3 A relação dos moradores de Tamanduazinho no passado com o rio e a floresta.	37
2.4. A relação dos moradores de Tamanduazinho no presente com o rio e a floresta	46
2.5. As concepções e visões dos moradores mais velhos com o presente e dos mais jovens com o passado	54
CAPÍTULO 3: AS MUDANÇAS, PERMANÊNCIAS E COEXISTÊNCIAS NO MODO DE VIDA DOS MORADORES DE TAMANDUAZINHO E SUAS RELAÇÕES COM A MODERNIZAÇÃO.	58
3.1. Tamanduazinho: as mudanças, permanências e coexistências no modo de vida e suas relações com a modernização	58
3.2. Cultura e sociabilidade: as relações no passado e no presente.....	72
3.3. As relações de poder na comunidade de Tamanduazinho	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
Referências	84
APÊNDICE A – Formulário de pesquisa campo	87
ANEXO A – Termo de consentimento das entrevistas	91
ANEXO B – Capa do livro contando a história da comunidade	92
ANEXO C- OFÍCIOS SOLICITAÇÃO DE DADOS	93
ANEXO D – OFÍCIO SOLICITAÇÃO DE DADOS	94

INTRODUÇÃO

A identidade territorial ribeirinha é um tema de grande importância para a compreensão das dinâmicas territoriais e sociais na Amazônia. Entender o processo das formações das identidades construídas, remete a busca das respostas que essa pesquisa propôs ir, para uma compreensão de como são as suas culturas e suas sociabilidades dessas identidades. Esse conceito, o de identidade territorial ribeirinha, está relacionado à formação da identidade de comunidades que vivem em áreas próximas aos rios, e que desenvolvem relações complexas com as florestas, pois são fontes importantes de recursos para a sua subsistência, seja para a pesca, transporte, agricultura etc. (CRUZ, 2008). Essas comunidades têm suas próprias culturas e modos de vida, muitas vezes baseados em práticas tradicionais e conhecimentos locais. É importante notar que as comunidades ribeirinhas na Amazônia são muito diversas e não podem ser generalizadas, pois cada comunidade tem sua própria história, cultura e desafios únicos.

Em Cametá, município localizado na sub-região do Baixo Tocantins no Estado do Pará, a identidade territorial ribeirinha é um tema de grande relevância, já que a região é marcada pela presença do rio Tocantins e pela forte relação das comunidades locais com a natureza. A formação dessa identidade é resultado de um processo histórico que envolve diversas questões, tais como a resistência cultural e a construção de suas próprias identidades.

Segundo Haesbaert (2004) Território é dotado de relações sociais e culturais, no qual a natureza e a cultura, o social e o natural, se entrelaçam, produzindo a identidade e a diversidade das paisagens geográficas, isso enfatiza a complexidade e a interconexão desses elementos na construção de identidades e diversidades territoriais. Nesse sentido, é possível perceber que a identidade territorial ribeirinha, objeto de estudo desta pesquisa, está fortemente ligada a essas relações sociais, culturais e naturais, presentes nas comunidades tradicionais. Através da compreensão da relação entre esses elementos, é possível entender como a identidade territorial ribeirinha é construída e como ela se relaciona com outras identidades e territórios presentes em Cametá e na sub-região do Baixo Tocantins.

Entender as relações de sociabilidade e cultura das comunidades ribeirinhas demanda uma pesquisa complexa, para que se possa comprovar o que estamos buscando. Nesse sentido o recorte espacial dessa pesquisa é a comunidade ribeirinha de Tamanduazinho. Busca-se entender como o modo de vida dos ribeirinhos, como a introdução de novas relações e com a modernização do território (SANTOS, 2006), estão fazendo mudanças na vida da população que ali se vive. No entanto, as permanências de costumes e saberes ainda são muito fortes na

comunidade, principalmente quando falamos das pessoas mais idosas. Nesse sentido o objeto de estudo dessa pesquisa são as mudanças e as permanências na identidade territorial ribeirinha e no modo de vida das comunidades ribeirinhas, com ênfase no papel do rio e da floresta como elementos fundamentais nesse processo.

A problemática dessa pesquisa pode ser definida como a necessidade de entender as dinâmicas territoriais e as relações envolvidas na formação da identidade territorial ribeirinha, em um contexto das mudanças e permanências no âmbito social, e cultural e no modo de vida dos moradores da Comunidade de Tamanduazinho. As questões aqui levantadas para uma melhor compreensão dessas mudanças e das permanências, é entender que as identidades das populações tradicionais são construídas (ou vem construindo) ao longo do tempo e que podem estar sempre se modificando e se organizando dentro de seus territórios, por isso uma das questões é: quais referências à identidade territorial ribeirinha e suas características de comunidades tradicionais na Amazônia? Como a identidade territorial ribeirinha se manifesta na relação dos moradores de Tamanduazinho com o rio, a floresta e outros elementos do ambiente em que vivem?

É importante entender que essas dinâmicas territoriais e culturais em áreas ribeirinhas, estão cada vez mais se modificando, além disso, é preciso considerar que a modernização com a chegada de novas tecnologias presente nessa comunidade possa afetar na construção da identidade territorial ribeirinha, uma vez que essas mudanças podem tanto fortalecer quanto fragilizar as relações de sociabilidade e as formas de organização das comunidades tradicionais.

Nesse sentido, é preciso entender as múltiplas dimensões envolvidas na formação da identidade territorial ribeirinha na Amazônia, levando em conta as dinâmicas territoriais e socioespaciais. A partir disso, buscou-se entender, quais são as mudanças e as permanências na identidade territorial ribeirinha dos moradores da comunidade Tamanduazinho em Cametá, no período de 2000 a 2023. Segundo coloca o autor Haesbaert:

Nossas identidades em seu caráter mais ou menos múltiplo, são sempre configuradas tanto em relação ao nosso passado, à nossa memória e imaginação, isto é, a sua dimensão histórica, quanto em relação ao nosso presente, ao entorno espacial que vivenciamos, à sua dimensão geográfica. (HAESBAERT, 2007, p.334)

Como destaca Haesbaert (2007), identidades são formadas tanto pela dimensão histórica, que inclui o passado, memória e imaginação, quanto pela dimensão geográfica, que inclui onde o indivíduo vive atualmente. Isso significa que a nossa identidade não é fixa ou

imutável, mas é moldada por fatores históricos e geográficos em constante mudança. Além disso, a identidade é caracterizada como múltipla, o que sugere que não há um único elemento/fator que caracterize essa identidade.

Partindo do pressuposto de que a identidade ribeirinha é uma identidade territorial (Haesbaert, 2004), ou seja, é construída a partir da relação dos grupos sociais com o território em que vivem. O autor destaca que as identidades territoriais são construídas no processo de territorialização, na qual envolve relações de domínio e apropriação do território. Essas relações de poder espacialmente mediadas são produtoras de identidade, pois controlam, distinguem, separam e nomeiam os indivíduos e grupos sociais (VIANA, 2017). No entanto, vale destacar, que nem toda identidade é territorial, e nem toda identidade se territorializa, ou seja, constrói territórios. A identidade territorial é definida fundamentalmente através do território, tanto no sentido simbólico quanto concreto, pois é parte fundamental dos processos de identificação social (CRUZ, 2008, p.58).

Entretanto, vale ressaltar que o processo de territorialidade tem papel importante para definir tais identidades, onde as relações entre os grupos/sujeitos sociais e o território, tem forte ligações e suas características inerentes ao ser moradores e que está relacionada à sua capacidade de estabelecer vínculos emocionais e simbólicos com a sua localidade em que vive (HAESBAERT, 2007). Assim, é possível analisar como a identidade territorial ribeirinha se manifesta na relação dos moradores de Tamanduazinho com o rio, a floresta e outros elementos do ambiente em que vivem.

No entanto, vale citar que os modos de vida estão presentes nas práticas, costumes, valores, crenças e formas de organização social de um determinado grupo, que são moldados pelas condições sociais, históricas e culturais em que vivem. No contexto da identidade territorial ribeirinha, o modo de vida dos ribeirinhos é influenciado pela relação que estabelecem com o rio e com a floresta, bem como pela sua história de luta, pela posse da terra e pela preservação dos seus modos de vida tradicionais. O modo de vida dos ribeirinhos é uma forma de resistência cultural e social, que se manifesta na relação de cuidado e proteção com o ambiente natural e na manutenção de práticas tradicionais. Além disso, o processo de construção da identidade territorial ribeirinha é marcado pela relação de pertencimento e valorização do local onde vivem (CRUZ, 2009).

As questões aqui levantadas, nos leva a buscar as respostas no sentido de entender os elementos que moldam a identidade ribeirinha e as transformações que vem ocorrendo ao

meio processo de modernização das comunidades, nesse sentido a seguir estão algumas das questões levantadas nesse trabalho; a) quais são as mudanças e as permanências na identidade territorial ribeirinha e suas relações com os moradores da comunidade Tamanduazinho em Cametá-Pa?; b) quais as referências relacionadas à identidade territorial ribeirinha e suas características de comunidades tradicionais amazônicas?; c) quais são as relações dos ribeirinhos com rio e a floresta? ; d) quais as relações dos moradores de Tamanduazinho com a modernização?

Desse modo, justifica-se essa pesquisa baseada na relevância do tema da identidade territorial ribeirinha em Cametá, ela é uma região que apresenta características sociais e culturais tradicionais, e tem sido objeto de muitas transformações nos últimos anos. A compreensão das dinâmicas territoriais e culturais das comunidades ribeirinhas é essencial para a formulação de políticas públicas mais efetivas e sustentáveis, que levem em conta as particularidades e necessidades dessas populações. Além disso, o estudo da identidade territorial ribeirinha pode contribuir para a valorização e preservação da cultura e dos modos de vida dessas comunidades, que muitas vezes são ameaçados por atividades econômicas predatórias e pela degradação ambiental.

É importante ressaltar que a pesquisa pode ser útil tanto para as comunidades ribeirinhas de Cametá, que podem se beneficiar do conhecimento gerado, quanto para outros pesquisadores e interessados no tema da identidade territorial ribeirinha e suas relações com o território onde vivem.

O objetivo geral da pesquisa é analisar as mudanças e as permanências na identidade territorial ribeirinha e no modo de vida dos moradores da comunidade de Tamanduazinho em Cametá. Já os objetivos específicos são quatro:

- ✓ Analisar as relações dos moradores de Tamanduazinho com os rios e a floresta no passado e no presente;
- ✓ Analisar as interações dos moradores com a modernização na atualidade,
- ✓ Compreender os elementos que fazem referência à identidade territorial ribeirinha dos moradores, o que pode revelar aspectos culturais e simbólicos importantes para a comunidade e sua relação com o território.
- ✓ Comparar os costumes de sociabilidade dos moradores mais velhos e dos mais jovens, o que pode evidenciar transformações geracionais na comunidade.

A metodologia utilizada para a elaboração do estudo se refere à uma pesquisa qualitativa que segundo Oliveira (2007):

Busca-se descrever a complexidade de uma hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comprometimentos ou atitudes dos indivíduos. (Oliveira 2007, p. 117)

Para se analisar tais questões aqui levantadas, foi preciso um conjunto de análises e dados de fontes primários e secundários. Os dados primários serão coletados por meio de entrevistas com diferentes sujeitos da comunidade conforme mostra a tabela 1, onde também mostram os dias que foram realizados os trabalhos de campos na comunidade, por questões éticas preferimos não colocar os nomes dos entrevistados, sendo esses identificados como Ribeirinho e o número por ordem das entrevistas (Ribeirinho 01, Ribeirinho 02...). Foram entrevistadas 20 pessoas divididos em três grupos (tabela 1) sendo utilizado a técnica da entrevista semiestruturada.

Tabela 1 - Cronograma da realização do trabalho de campo na comunidade

Data	Grupos de entrevistados	Faixa etária	Horário
23 de nov. de 2022	Pessoas mais idosas	50-80	Manhã e tarde
28 de dez. de 2022	Pessoas mais jovens	18-29	Manhã e tarde
18 de abr. de 2023	Outras pessoas, incluindo o ACS, o CC, o Coordenador da CP e Coordenador do SRT.	Todas as faixas etárias	Manhã e tarde

Fontes: elaborado pelo autor (2023).

Os dados primários da pesquisa foram obtidos através das entrevistas. Como mostra na tabela (1) o trabalho de campo realizado na comunidade. Durante o campo, foram entrevistados diferentes grupos de pessoas, no dia 23 de novembro de 2022 fomos de manhã e a tarde nas residências das pessoas mais idosas que residem na comunidade. No dia 28 de dezembro as entrevistas foram com as pessoas mais jovens. Por fim, no dia 18 de abril de 2023 realizamos o último trabalho de campo na comunidade, onde entrevistamos várias pessoas, incluindo coordenadores e presidentes de associações presente na comunidade, sendo elas: colônia de pescadores, sindicato de trabalhadores, agente comunitário de saúde e coordenador comunitário.

Os dados secundários dessa pesquisa, incluem um levantamento e análise bibliográfica de autores relevantes para a pesquisa, como: H. Lefebvre (2000), Santos (2004), Souza

(2000), Haesbaert (2004, 2007), Walter Cruz (2008, 2009) e demais autores neste trabalho citados, analisando conteúdos já existentes e que se encontram disponibilizados em banco de dados, referindo-se em levantamento de materiais já publicados.

Além disso, serão utilizadas outras técnicas de pesquisa, como, bases cartográficas do IBGE para fazer os mapas de localização e a carta imagem contida nesse trabalho, assim como os dados populacionais referentes ao município de Cametá. Também utilizamos outros dados conforme a tabela abaixo:

Tabela 2 - Fontes dos dados e informações fornecidas por coordenadores da comunidade

Fonte dos dados	Informação fornecida	Obtenção de dados através de:
Associação dos pescadores	Informações sobre acordo de pesca, perfil dos associados	Documental e Entrevista
ACS	Informações sobre o número de pessoas que residem na comunidade e faixa etária e número de pessoas que recebem benefícios sociais.	Documental e Entrevista
STR	Informação sobre o projeto de assentamento das comunidades ribeirinhas pelo governo federal	Documental e Entrevista
Livro da história da comunidade	Um pequeno livro não divulgado oficialmente que conta a história da comunidade, que foi escrito pelo Historiador e Professor da UEPA Leopoldo Valente, já foi morador da comunidade onde nasceu e viveu sua juventude	Análise documental
Coordenador comunitário	Informações sobre regras imposta pelo acordo comunitário	Documental e entrevista

Fontes: elaborado pelo autor (2023)

Essa metodologia permitiu uma abordagem ampla e diversificada para a coleta e análise de dados, incluindo diferentes perspectivas da comunidade e fontes de informação. A combinação de entrevistas, dados secundários, bases cartográficas e análise documental

forneceram uma visão abrangente da identidade territorial ribeirinha e do modo de vida dos moradores da comunidade de Tamanduazinho em Cametá.

Nesse sentido, esse trabalho está dividido em três capítulos, além dessa introdução, o trabalho segue as etapas seguintes: no primeiro capítulo com o título de “Identidade territorial ribeirinha: uma análise conceitual e teórica e sua relação com as comunidades ribeirinhas na Amazônia”, nesta etapa tem como objetivo, discorrer sobre os conceitos de identidade territorial, os conceitos de território e modo de vida e relacionar com as comunidades ribeirinhas. No capítulo dois, cujo título é “A relação dos moradores de Tamanduazinho no passado e no presente com o rio e a floresta”, o objetivo é analisar as relações que os sujeitos tinham e ainda tem com o rio e a floresta e a forma como eles usam na atualidade e como usavam no passado na comunidade de Tamanduazinho, trazendo um breve histórico na formação das identidades na região do Baixo Tocantins. Por fim, o terceiro e último capítulo “As mudanças, permanências e coexistências no modo de vida dos moradores de Tamanduazinho e suas relações com a modernização”, tem como objetivo, analisar as mudanças, permanências e coexistências no modo de vida dos moradores de Tamanduazinho e suas relações com a modernização, abordando ainda suas relações de poder, cultura e sociabilidade

CAPÍTULO 1: IDENTIDADE TERRITORIAL: “UMA ANÁLISE CONCEITUAL E TEÓRICA E SUA RELAÇÃO COM AS COMUNIDADES RIBEIRINHAS NA AMAZÔNIA”

As populações ribeirinhas da Amazônia são conhecidas por possuírem uma forte relação com o território em que habitam. Segundo Cruz (2007) a identidade territorial é construída a partir da relação concreto/simbólica, material/imaginária entre os grupos sociais e o território. A identidade territorial é um conceito que se refere à conexão profunda entre um grupo de pessoas e o território em que vivem, ela envolve aspectos culturais, sociais, econômicos e ambientais que moldam a percepção e o senso de pertencimento de uma comunidade em relação ao seu ambiente geográfico específico.

No contexto da Amazônia, as comunidades ribeirinhas são um exemplo notável de identidade territorial. Essas comunidades são formadas por grupos de pessoas que vivem nas margens dos rios e dependem diretamente dos recursos naturais disponíveis na região para sua subsistência e modo de vida. A identidade territorial das comunidades ribeirinhas amazônicas é profundamente enraizada na relação simbiótica com a floresta e os rios. Sua cultura, tradições e conhecimentos tradicionais estão intrinsecamente ligados aos recursos naturais da região, como a pesca e agricultura. Nesse contexto, o presente capítulo tem como objetivo discutir sobre os conceitos de identidade territorial, território, territorialidade e modo de vida, relacionando-os às comunidades ribeirinhas da região amazônica.

1.1. Analisando o conceito de identidade territorial

O conceito de identidade territorial tem sido objeto de estudo em diferentes campos do conhecimento, incluindo geografia. Segundo Haesbaert (2004) identidade territorial é definida como uma construção vivida que envolve a relação entre o espaço e os sujeitos sociais que o habitam. Para o autor, uma identidade territorial é forjada a partir do processo de territorialização, que envolve as relações de dominação e apropriação do território.

A construção da identidade territorial envolve dois elementos fundamentais: o "território de referência identitária" e a consciência socioespacial de pertencimento (Cruz, 2008). O território de referência identitária é o quadro espaço-temporal onde ocorrem experiências sociais e culturais, e é onde se forjam práticas e representações espaciais que constroem o sentido e significado de pertencimento a um território. Para as populações ribeirinhas da Amazônia, o rio é um elemento central na construção da identidade territorial. Os rios das regiões são exemplos de territórios que fazem referência identitária, pois os

mesmos são fundamentais para as suas realidades. A relação observada com o rio é tão forte que muita comunidade ribeirinha depende exclusivamente desses rios para sua sobrevivência.

O princípio da identidade assume um sentido novo, um sentido concreto. Se a contradição é mais essencial que a identidade, a identidade nem por isso deixa de ser essencial. Sem contradição, a identidade estagna. Para ser, para viver, para vir a ser, é preciso dilacerar-se do interior. Mas, através da contradição, a identidade se restabelece em nível superior. Sem isso, o ser se encaminharia rapidamente para sua ruína. Assim, a razão, o conceito, ou simplesmente os seres vivem, repousam sobre contradições resolvidas. A identidade, portanto, é posta em seu lugar, no movimento (no conjunto de relações, diferenças, interações e contradições que formam a realidade concreta) (LEFEBVRE, 1995, p. 19)

A identidade é um conceito complexo e multifacetado, que pode ser compreendido de maneiras diferentes. De acordo com Lefebvre (1995), a identidade assume um sentido concreto quando entendida em sua relação com as desigualdades. Para ele, a identidade não é algo fixo e estático, mas sim um processo em constante movimento, que envolve relações, diferenças, negativas e contradições.

De acordo com Marzall (2008), a identidade territorial é construída a partir das interações e práticas sociais que ocorrem em um espaço geográfico específico. Ela se desenvolve a partir das vivências coletivas, dos laços de pertencimento e das experiências compartilhadas pelos indivíduos que habitam determinado território. Essas vivências incluem não apenas as relações com o ambiente natural, mas também os aspectos culturais, históricos e simbólicos que permeiam a vida em determinado lugar.

A identidade territorial pode ser entendida como uma construção social que se relaciona com a forma como os indivíduos se percebem em relação ao espaço que ocupam. Segundo Morales (2015), a identidade territorial envolve uma conexão emocional e afetiva com o lugar, bem como a construção de uma memória coletiva que se perpetua ao longo do tempo. Essa memória coletiva é alimentada por elementos simbólicos, como mitos, histórias, tradições e práticas culturais compartilhadas.

A identidade territorial está intimamente ligada à noção de pertencimento e de raízes. Ela desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva, fornecendo referências e significados que moldam a forma como os indivíduos se veem e se relacionam com o espaço em que vivem. Como ressalta Oliveira (2011), a identidade territorial pode fortalecer os vínculos comunitários, contribuir para a coesão social e promover o desenvolvimento sustentável de uma determinada região.

A identidade territorial é um conceito amplo que abrange a relação profunda entre um grupo de pessoas e o território em que vivem. Ela se desenvolve a partir das vivências coletivas, dos laços de pertencimento, da construção de memória coletiva e dos elementos simbólicos que permeiam a vida em determinado lugar. A identidade territorial desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva, fortalece os vínculos comunitários e contribui para o desenvolvimento de um determinado território.

1.2. Analisando o conceito de território e territorialidade

Segundo Raffestin (1993), o território é mais do que uma porção física de terra. Ele é um produto das relações sociais e políticas que ocorrem nesse espaço, refletindo o poder, as identidades e os processos de apropriação e controle. O território é um construto social que está em constante transformação e é influenciado por fatores culturais, políticos, econômicos e ambientais.

A territorialidade, por sua vez, é a expressão das relações sociais estabelecidas em um determinado território. Ela envolve práticas e comportamentos que buscam reivindicar, controlar e delimitar um espaço, estabelecendo fronteiras físicas e simbólicas. A territorialidade pode ser expressa de várias formas, como a demarcação de fronteiras territoriais, a defesa de recursos naturais, a delimitação de áreas de exclusão ou a demarcação de espaços sagrados.

Conforme destacado por Sack (1986), a territorialidade também está associada à identidade e ao senso de pertencimento. Ela desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva, fornecendo um senso de lugar e referência, bem como estabelecendo fronteiras simbólicas que definem quem faz parte do grupo e quem está excluído. É importante ressaltar que o conceito de território e territorialidade não se restringe apenas a uma dimensão física. Ele também engloba aspectos culturais, políticos e simbólicos. O território pode ser entendido como uma construção social e política, permeado por disputas, conflitos e negociações de poder.

A relação entre território e territorialidade é encontrada em comunidades tradicionais, como povos indígenas, comunidades ribeirinhas, quilombolas. Essas comunidades possuem um forte vínculo com seus territórios, nos quais desenvolvem suas práticas culturais, formas de subsistência e sistemas de governança. O território é central para a sua identidade coletiva, e a territorialidade é expressa por meio de rituais, demarcações simbólicas e regras de uso dos recursos naturais.

Em suma, os conceitos de território e territorialidade são fundamentais para entender as relações que se dão dentro de uma determinada sociedade. O território é uma área delimitada geograficamente que reflete relações sociais e políticas, enquanto a territorialidade envolve as práticas e relações estabelecidas nesse território. Esses conceitos são essenciais para compreender o poder, a identidade e as dinâmicas sociais que ocorrem nos diferentes tipos de territórios.

No que se refere à multiterritorialidade, Haesbaert (2004) destaca que esta perspectiva representa uma abordagem conceitual alternativa dentro de um processo frequentemente descrito como "desterritorialização". Ao invés de perder ou destruir nossos territórios, ou seja, nossos processos de territorialização (ênfatisando a ação e a dinâmica) estamos, na maioria das vezes, vivenciando uma intensificação e complexificação de um processo de (re) territorialização que é muito mais múltiplo, caracterizado por múltiplas formas de territorialidade.

Do ponto de vista geográfico, não existe desterritorialização sem uma posterior reterritorialização, uma vez que o ser humano é essencialmente um "animal territorial" (ou "territorializador", como afirmou o sociólogo Yves Barel). O que ocorre, na realidade, é um processo complexo de territorialização, que envolve a vivência simultânea de diversos territórios - resultando em uma multiterritorialidade - ou mesmo a construção de territorialidades no próprio movimento (HAESBAERT, 2004).

A territorialidade abrange não apenas uma dimensão política, mas também relações econômicas e culturais, pois está intrinsecamente ligada à forma como as pessoas utilizam a terra, organiza-se no espaço e atribuem significado ao lugar. Segundo Sack (1986), a territorialidade, como parte do poder, não é apenas um meio de criar e manter a ordem, mas também uma estratégia para estabelecer e preservar grande parte do contexto geográfico por meio do qual experimentamos o mundo e lhe conferimos significado.

Bonnemaison e Cambrèzy (1996) destacam que no contexto contemporâneo dos processos de destruição e reconstrução territorial, torna-se evidente a alternância entre territórios que possuem uma função mais vinculada ao controle físico de processos e aqueles em que a dimensão simbólica - a territorialidade, para alguns - desempenha um papel fundamental. Nesse sentido, é importante aprofundar o debate sobre as conexões e possíveis distinções entre as noções de território e territorialidade.

Segundo Haesbaert (2007), os conceitos nunca são feitos através de limites ou identidades claras, rígidas, e suas significações trazem sempre um potencial para releitura e integração com ou mesmo reinvenção de outros conceitos, território e territorialidade também

se inserem nessa abordagem de alguma forma híbrida. O conceito de território, etimologicamente, já nasce marcado por ambiguidades apresentando segundo Haesbaert (2007, p.20). Dessa forma o conceito de território tem aparecido ao longo do tempo e na maior parte das abordagens como capaz de apreender uma das principais dimensões do espaço geográfico, a sua dimensão política ou vinculada às relações de poder dentro das diferentes perspectivas com que se manifesta o poder (HAESBAERT, 2007, p.36).

Para compreender o conceito de território de Haesbaert, é importante considerar a dialética, uma abordagem filosófica baseada na ideia de que tudo está em constante mudança e que as contradições e os conflitos são inerentes ao processo de mudança. Na dialética, os conceitos não são vistos de forma estática e isolada, mas como parte de um contexto mais amplo, em constante interação e transformação.

Assim, a relação entre o conceito de território de Haesbaert e a dialética pode ser entendida como território não como um espaço fixo e imutável, mas um espaço em constante mudança, influenciado por diferentes atores sociais e relações de poder estabelecidas entre eles. Nesse sentido, a dialética pode ser vista como uma ferramenta teórica útil para analisar a dinâmica dos territórios e entender por que as contradições e os conflitos levam a mudanças e transformações nesse espaço social.

Além disso, a abordagem do autor argumenta que o território não neutro e homogêneo, mas sim construído por meio de práticas sociais diferenciadas que criam relações de poder e diferenças espaciais. Essas diferenças se refletem, por exemplo, na distribuição desigual dos recursos naturais, na segregação espacial de diferentes grupos sociais e na construção de identidades culturais diferenciadas.

1.2.1 O modo de vida e suas concepções

Segundo Santos (2004), o modo de vida é uma expressão das relações sociais e da cultura de um determinado grupo humano em um dado território. Ele é moldado pelas tradições, costumes, crenças e valores transmitidos ao longo do tempo. O modo de vida reflete a forma como as pessoas se relacionam com o ambiente natural, utilizam os recursos disponíveis e organizam suas atividades produtivas.

No contexto do território e da territorialidade, o modo de vida pode variar significativamente entre diferentes grupos sociais, levando em consideração as características específicas de cada território e as influências históricas, culturais e socioeconômicas que o

moldaram. Cada grupo pode desenvolver práticas e hábitos distintos, adaptados às condições do seu território e às suas necessidades e valores específicos.

É importante ressaltar que o modo de vida não é estático, mas está em constante transformação, influenciado por fatores externos, como mudanças políticas, econômicas, tecnológicas e ambientais. Esses elementos podem impactar as atividades produtivas, as relações sociais e as práticas culturais, levando a adaptações e reconfigurações no modo de vida das comunidades.

Um exemplo ilustrativo de como o modo de vida se entrelaça com o território e a territorialidade pode ser encontrada nas comunidades tradicionais, como os povos indígenas e as comunidades ribeirinhas. Esses grupos possuem um modo de vida intrinsecamente ligado às suas tradições culturais, aos recursos naturais de seu território e ao seu profundo senso de cuidado e reverência pelo meio em que vivem. Seu modo de vida engloba práticas de subsistência, como agricultura de subsistência, pesca, coleta de frutas e plantas medicinais, bem como sistemas de organização social e processos de tomada de decisão baseados em valores comunitários e na preservação de seus territórios.

O modo de vida é uma expressão das relações sociais, culturais, econômicas e ambientais de um grupo humano em um determinado território (SANTOS, 2004). Ele reflete as práticas cotidianas, as atividades produtivas e as relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos dentro do seu contexto territorial. O modo de vida está em constante transformação e é influenciado por fatores internos e externos, moldando a identidade coletiva e a forma como as comunidades se relacionam com seu território.

1.3. Identidades territoriais e as comunidades ribeirinhas da Amazônia: um breve histórico

A região amazônica abriga uma grande diversidade de grupos étnicos e populações tradicionais que foram historicamente constituídas por meio dos processos de colonização e miscigenação que ocorreram na região. Essa diversidade resulta dos intercâmbios históricos entre diferentes povos e etnias, criando uma herança cultural expressa em diversas manifestações socioculturais no cotidiano do povo amazônico. Essas manifestações estão presentes nas relações de trabalho, na educação, na religião, nas lendas, nos hábitos alimentares e nas dinâmicas familiares.

Dentre os grupos sociais que compõem a Amazônia, destacam-se os povos indígenas, as populações ribeirinhas, os pescadores, os extrativistas, os quilombolas, os migrantes, entre outros. Cada um desses segmentos possui sua própria identidade sociocultural e política, que está relacionada a

diferentes aspectos: a) a origem étnica, que envolve a adoção e adaptação de conhecimentos e técnicas de acordo com suas necessidades; b) a complexidade da organização da produção e da gestão dos recursos naturais; c) a luta pela sobrevivência e acesso a bens e serviços sociais; d) as atividades desempenhadas, como agricultura, caça, pesca, coleta e extração, que são realizadas de acordo com suas necessidades e com os recursos naturais disponíveis (CHAVES, 2009).

Esses diferentes grupos sociais possuem suas próprias formas de interação com o ambiente amazônico e com seus recursos naturais. Suas práticas e conhecimentos tradicionais são fundamentais para sua subsistência e para a preservação da cultura e do modo de vida local. Além disso, essas comunidades estão envolvidas em processos de luta e resistência pela garantia de seus direitos, pela preservação de seus territórios e pela promoção de políticas que valorizem sua identidade e contribuam para a conservação da Amazônia.

Nesse contexto, segundo Morán (1990), a organização política e o modo de vida das comunidades tradicionais ribeirinhas são fundamentados em uma identidade construída com base nos valores socioculturais e na dinâmica sócio-histórica da região amazônica. Os conhecimentos das comunidades tradicionais são permeados pelos saberes herdados das populações indígenas que habitam a região desde antes do processo de colonização.

Ainda de acordo com o autor supracitado, a cultura cabocla surgiu com a chegada dos portugueses (1500 a 1850), seguida por um período de aculturação e uma economia extrativista baseada na exploração da borracha (1850 a 1970). O estudo de Morán (1990) destaca que os caboclos podem ser identificados como ribeirinhos coletores de seringa ou castanha, horticultores, canoieiros e pescadores, subsistindo geralmente por meio de várias ou algumas dessas atividades.

Chaves (2001) afirma que os ribeirinhos são considerados uma população tradicional na Amazônia, tanto em termos de sua forma de comunicação quanto em suas representações dos lugares e tempos de suas vidas em relação à natureza. Sua relação com a água e seus sistemas classificatórios da fauna e flora constitui um amplo patrimônio cultural. A autora destaca que os agentes sociais identificados como ribeirinhos vivem em agrupamentos comunitários, composto por várias famílias, localizados ao longo dos rios e seus afluentes (lagos). A localização espacial nas áreas de várzea, nas margens dos rios, e os conhecimentos sócio-históricos que determinam o modo de produção singular e o estilo de vida dentro das comunidades ribeirinhas contribuem para a formação da identidade sociocultural desses atores.

As comunidades ribeirinhas possuem um modo de vida peculiar que abrange diversos aspectos, como o uso do território e o manejo coletivo dos recursos

locais, fundamentados em seus conhecimentos tradicionais e em uma abordagem comunicativa e cooperativa. Além disso, essas comunidades estabelecem relações sociais de trabalho, assim como laços de compadrio e parentesco. No contexto amazônico, esses aspectos apresentam particularidades regionais distintas (CHAVES, 2001).

Para Fraxe (2009), essas comunidades possuem um amplo conhecimento sobre o ambiente amazônico e suas diversas formas de uso e manejo. Portanto, é compreensível que as comunidades ribeirinhas se apropriem dos recursos florestais de forma recíproca, levando em consideração o tempo ecológico dos recursos naturais. Isso permite a organização do trabalho de acordo com a diversidade de formas de utilização dos recursos naturais, tais como agricultura, criação de pequenos animais, pesca, caça, exploração madeireira e não madeireira.

Segundo Oliveira (2012), as comunidades ribeirinhas da Amazônia possuem uma identidade territorial única e complexa, estreitamente relacionada ao ambiente natural em que habitam. A identidade territorial dessas comunidades é construída através de uma combinação de fatores culturais, sociais, econômicos e ambientais, refletindo sua conexão profunda com a terra, os rios e a floresta amazônica.

A identidade territorial das comunidades ribeirinhas é fortemente influenciada pela sua relação simbiótica com o ambiente natural. Essas comunidades dependem dos recursos naturais disponíveis na região, como pesca agricultura de subsistência, extrativismo de produtos florestais e coleta de frutas e plantas medicinais, para sua sobrevivência e sustento. Essas atividades produtivas são fundamentais para a manutenção de seu modo de vida e para a preservação de sua cultura e tradições.

Além disso, Oliveira (2012) destaca que as comunidades ribeirinhas desenvolveram sistemas de conhecimento tradicional e práticas adaptadas ao ambiente amazônico ao longo de gerações. Seu conhecimento local sobre as características dos rios, as técnicas de pesca, as épocas de plantio e colheita, e o manejo sustentável dos recursos naturais são elementos fundamentais para a sua identidade territorial. Esses saberes são transmitidos de forma oral de geração em geração, contribuindo para a coesão social e para a preservação das práticas culturais ribeirinhas.

A identidade territorial das comunidades ribeirinhas também está ligada às suas formas de organização social e governança. Essas comunidades possuem sistemas comunitários de tomada de decisão e gestão dos recursos naturais, baseados em valores de solidariedade, cooperação e respeito ao meio ambiente. A participação ativa dos membros da

comunidade nessas práticas de governança reforça sua identidade territorial, ao mesmo tempo em que contribui para a sustentabilidade de seus modos de vida.

É importante destacar que a identidade territorial das comunidades ribeirinhas da Amazônia enfrenta desafios e ameaças, como a pressão de atividades econômicas predatórias, desmatamento, poluição dos rios e mudanças climáticas. Esses desafios colocam em risco não apenas a sobrevivência material dessas comunidades, mas também sua identidade e seu modo de vida tradicional.

Por fim, a identidade territorial das comunidades ribeirinhas da Amazônia é moldada por sua relação simbiótica com o ambiente natural, suas práticas culturais e modos de vida sustentáveis, e suas formas de organização social e governança comunitária. Essa identidade é fundamental para a preservação da cultura e da sustentabilidade dessas comunidades, bem como para a conservação dos ecossistemas amazônicos.

CAPÍTULO 2: A RELAÇÃO DOS MORADORES DE TAMANDUAZINHO NO PASSADO E NO PRESENTE COM O RIO E A FLORESTA.

Falar nas múltiplas identidades que um território tem, é de suma importância para entendermos o seu processo de formação ao longo do tempo. No processo de formação das comunidades ribeirinhas, é fundamental enfatizar as particularidades de cada território, bem como a região específica em que estão concentradas, considerando o contexto histórico que contribuiu para a construção de suas identidades distintas. Ao analisarmos a comunidade de Tamanduazinho, localizada no município de Cametá, é imprescindível abordar o processo histórico da sub-região em que ela está, que é o Baixo Tocantins, a fim de compreendermos a formação da identidade regional (múltiplas identidades que compõem a região).

Tais referências dessas identidades vão aparecer dentro da pesquisa na comunidade de Tamanduazinho, é notório que essas influências foram parte dessas formações de identidades e suas particularidades nessa região, sendo o rio e floresta os principais fatores que elencam até os dias atuais essa relação com os moradores que vivem nessas comunidades e especialmente na comunidade de Tamanduazinho. Dessa forma, este capítulo tem por objetivo analisar as relações em que os sujeitos tinham e ainda tem com o rio e à floresta e a forma como eles usam na atualidade e como usavam no passado na comunidade de Tamanduazinho, trazendo um breve histórico na formação das identidades na região do Baixo Tocantins.

2.1. Formação territorial do baixo Tocantins.

A sub-região do Baixo Tocantins tem longas histórias, moldada por processos que têm influências sociais, econômicas e culturais. A formação das comunidades ribeirinhas do Baixo Tocantins, remonta aos tempos coloniais quando o desenvolvimento da região amazônica ganha impulso. Inicialmente, as comunidades ribeirinhas surgiram a partir da ocupação da região pelos povos indígenas que moravam às margens dos rios. Com a chegada dos colonatos portugueses, a dinâmica local mudou, pois passaram a explorar os recursos naturais da Amazônia, como borracha, madeira e pesca.

Segundo Viana (2017) desde o século 18, intensificou-se na região a economia extrativista do látex da seringueira. Isso levou à criação de pequenos grupos de habitats costeiros que se estabeleceram em torno de plantações de borracha. Essas comunidades eram formadas por seringueiros, seus familiares e demais assalariados envolvidos na cadeia produtiva da borracha. No entanto, a exploração desenfreada e predatória da borracha aliada à crise do mercado internacional, ocasionou a queda da atividade e afetou diretamente as

comunidades locais, que dependiam dessa atividade para sua sobrevivência. Segundo destaca Trindade Jr. (2009):

A natureza (rio e floresta), portanto, parece ser o elemento inicial de uma possível identidade regional que se formava. Essa natureza, com sentido econômico muito forte, especialmente do ponto de vista comercial, também favoreceu a expansão das atividades agrícolas à jusante do Tocantins quando a Coroa portuguesa, por meio da Companhia do Grão-Pará e Maranhão, estimulou o comércio de produtos amazônicos com o mercado mundial (período de 1760 a 1778) (TRINDADE, 2009. p.318)

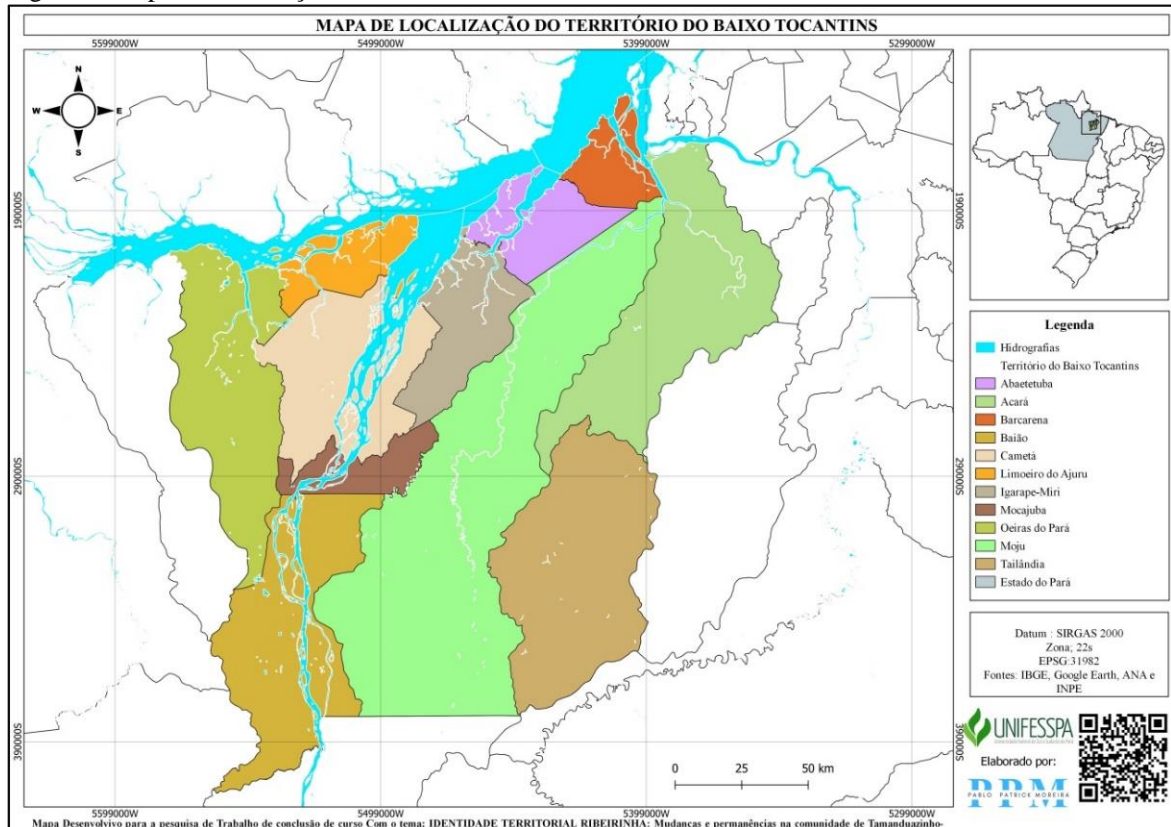
O autor destaca a importância da natureza, representada pelo rio e pela floresta, na formação da identidade regional da área abordada no contexto histórico. Ele menciona que a natureza desempenhou um papel crucial não apenas do ponto de vista econômico, com ênfase nas atividades comerciais, mas também na expansão das atividades agrícolas na região.

A sub-região do Baixo Tocantins é composta por um conjunto de municípios da região nordeste do Pará, alguns desses municípios ficam as margens do Rio Tocantins, como é caso de Baião, Mocajuba e Cametá, além desses tem outros que compõem essa sub-região. Muitos desses municípios têm uma dinâmica ribeirinha muito forte e são influenciadas diretamente pela presença do Rio Tocantins. Segundo Trindade Jr. (2009) é necessário compreender como uma sub-região na acepção geográfica do termo, ou seja, está se referindo a cerca da porção do espaço que se caracteriza por suas particularidades.

A dinâmica ribeirinha nos municípios que compõe o Baixo Tocantins tem suas particularidades devido sua forte relação com o rio e a floresta. Segundo Trindade Jr., 2009 a homogeneidade geográfica não é suficiente para uma compreensão completa do Baixo Tocantins. Embora essa sub-região possa ter uma identidade comum em termos de geografia física e humana, ela também deve ser vista como um espaço que engloba tanto a natureza quanto a existência humana. Trindade Jr. (2009) destaca também, que para compreender plenamente o Baixo Tocantins é preciso considerar tanto os aspectos naturais, como o rio e floresta, quanto os aspectos relacionados à presença humana na sub-região. Esta abordagem permitiu uma compreensão mais completa da interação entre o ambiente e as comunidades locais, bem como os diferentes elementos que reproduziram para a identidade e dinâmica deste território

No mapa a seguir (figura 1), que mostra a localização e os municípios que fazem parte dessa porção do estado do Pará que é conhecida como o Baixo Tocantins, é possível ver que o Rio Tocantins está presente nessa dinâmica ribeirinha nos municípios em que seu percurso está presente.

Figura 1- Mapa de localização do Baixo Tocantins



Fontes: elaborado pelo autor com as bases cartográficas do IBGE e ANA

2.1.1. Uma abordagem histórica do município de Cametá

O município de Cametá¹ está localizado no Estado do Pará, na região Nordeste, fazendo parte do conjunto de municípios que estão na sub-região do Baixo Tocantins. Segundo Viana (2017), Cametá possui cerca de 3 km² de extensão, faz fronteira com os municípios de Limoeiro do Ajuru ao norte, Mocajuba ao sul, Igarapé-Miri a leste e Oeiras do Pará a oeste. Aproximadamente 134.184 mil pessoas residem no município. Essa população está geograficamente dividida nas regiões das ilhas e terra firme de cada lado do rio Tocantins, curiosamente, 43,7% da população reside em áreas urbanas, ficando o restante da população, aproximadamente 56,3% dos habitantes, vivendo na zona rural do município, (IBGE, censo 2022).

¹ Significado do nome Cametá: é uma palavra indígena originada do nome “Cantatas-Jirau no mato”, pois os indígenas Camutás que habitavam a região de onde fica a cidade, construíam suas cabanas em troncos de árvores. (Informação retirada do livro que conta a história da comunidade de Tamanduazinho, escrito por Leopoldo Valente)

Sua formação remonta à época colonial, quando a área era habitada por povos indígenas e posteriormente colonizada. No século XVII, o desenvolvimento econômico começou na região de Cametá devido à abundância de recursos naturais.

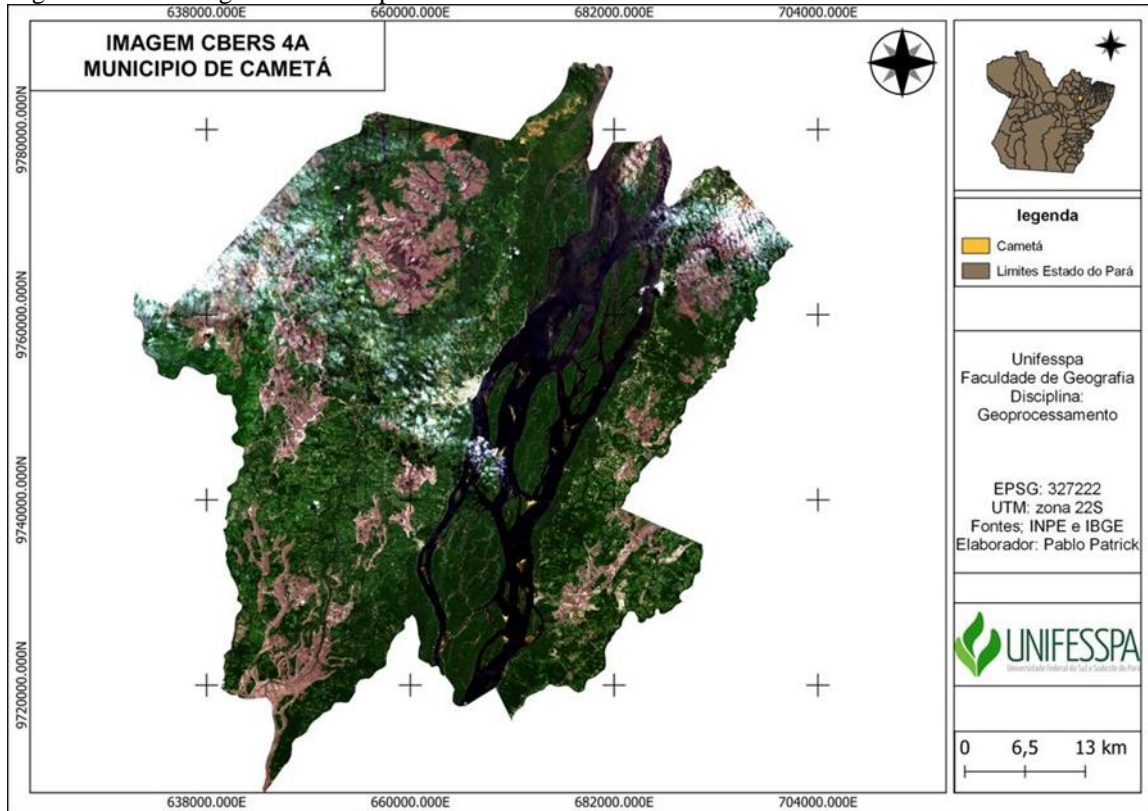
Devido ao seu passado histórico, Cametá apresenta uma paisagem híbrida, na qual podem ser observadas marcas de tempos pretéritos que retratam forte enraizamento cultural, coexistindo com temporalidades mais recentes. A origem desse município está atrelada ao processo de ocupação e povoamento do Rio Tocantins (séc. XVII e XVIII), considerado na época uma porta de entrada para a região, e que se deu sob a lógica geopolítica portuguesa de defesa do território, assim como por interesses na exploração das chamadas drogas do sertão. (VIANA, 2017, p. 50)

Essa exploração atraiu colonos, que se instalaram na área. Em 1758, Cametá foi elevada à categoria de vila cujo nome era Vila de Santa Cruz de Cametá. Durante o período colonial e imperial, a vila desempenhou um papel importante como centro de comércio e porto da região amazônica para diversas atividades.

O Rio Tocantins tem papel importante na formação das identidades que se formaram no município, que com o passar dos tempos, Cametá passou a ser ocupada por outros grupos de colonizadores que vinham em busca de riquezas que se encontrava nesse território, a borracha era umas das atividades que teve papel importante nesse processo de ocupação. Alguns intelectuais da época da ocupação ganharam reconhecimento e que não deviam, pois, muitos indígenas foram expulsos de seus territórios e obrigados a trabalhar para os colonizadores da época, e até hoje esses intelectuais são lembrados na sede do município em nome de praças, ruas.

Desde a sua origem, o município de Cametá foi palco de encontros culturais, migrações e exploração de recursos naturais como já mencionado aqui, fazendo com que sua identidade tivesse os contornos do território e que até os dias atuais são responsáveis pelas diversas dinâmicas culturais e sociais desse município. Diante do contexto histórico, o município de Cametá tem suas relações com os povos indígenas que habitavam a região e os colonos portugueses que buscavam explorar suas riquezas, isso fez com que diferentes culturas e modos de vida fossem construídos ao longo de sua história, fazendo com as identidades tenha uma relação com esses processos de formação que se deram ao longo do tempo. Nesse contexto, o território não é apenas uma extensão física da terra, mas um espaço compartilhado onde se desenvolvem complexas relações sociais, econômicas e culturais. No mapa (figura 2), está representado o município de Cametá, é possível ver que o Rio Tocantins se faz presente em todo o território do município.

Figura 2- Carta imagem do município de Cametá



Fontes: elaborado pelo autor com as bases de dados do INPE.

Cametá foi se consolidando como um município de ricas tradições culturais, as festas populares, a gastronomia típica, o artesanato local, a pesca, tais refletem a história e a diversidade. A relação com o rio e a floresta, elementos inerentes ao cotidiano dos habitantes, também se expressa na identidade territorial e na forma como o território é vivido e valorizado.

2.2. Chegando à comunidade: breve histórico de Tamanduazinho.

A comunidade de Tamanduazinho² é umas das diversas comunidades ribeirinhas que estão em todo o município de Cametá. Situada na porção sul do município, a CR faz fronteiras com diversas outras comunidades que ficam à margem esquerda do Rio Tocantins. Atualmente vivem cerca de 432 pessoas na comunidade, incluindo crianças, jovens, adultos e idosos, conforme mostra a tabela a seguir:

² Origem do nome Tamanduazinho: durante as entrevistas, foi perguntado sobre a origem do nome da comunidade, segundo relatos dos moradores o nome, deu-se em função da existência de muitos bichos tamanduás pequenos, que eram encontrados nos cacaos e que eram chamados de Tamanduazinho (Ribeirinhos entrevistados).

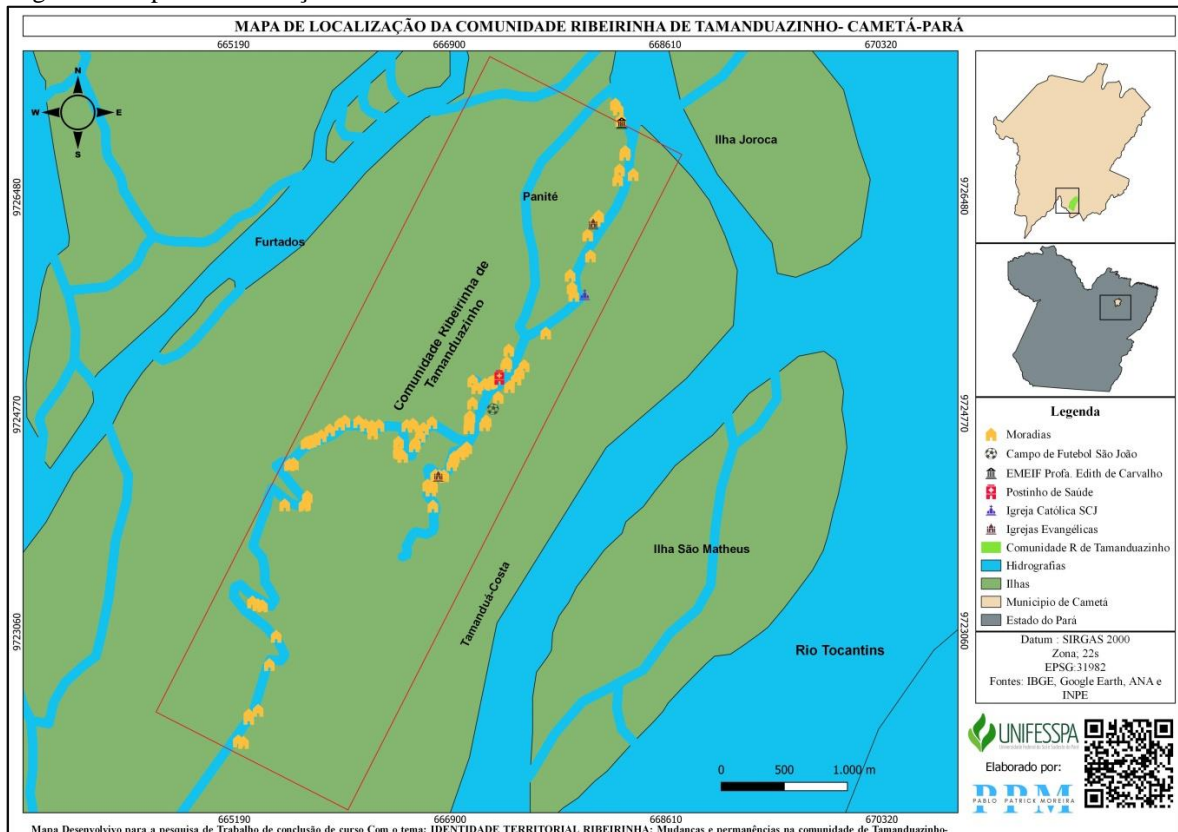
Tabela 3 - Faixa etária e números de habitantes da comunidade

Faixa etária	Números de pessoas	Porcentagem
0-18	69	17%
18-30	98	24%
30-50	145	35%
50-90	120	29%

Fontes: ACS da comunidade (Godofredo Filgueira, 2022)

Na tabela 3, está demonstrando os números de pessoas que residem na comunidade, além da faixa etária e a porcentagem dos habitantes. As pessoas com idades entre 30 a 50 anos, são o número maior de residentes. Os dados foram fornecidos pelo ACS da comunidade, o levantamento de todas as famílias e é responsável em fazer acompanhamento nas casas. Como já citado anteriormente a localização da comunidade é ao sul do município de Cameté, na fronteira com o município de Mocajuba.

Figura 3- Mapa de localização da Comunidade ribeirinha de Tamanduazinho



Fontes: elaborado pelo autor com as bases cartográficas do IBGE.

Como mostra no mapa (figura 3) a comunidade possui um longo percurso na foz do rio, fazendo com que ela seja considerada uma das mais populosas do Município de Cametá. Seu histórico de formação é marcado pela presença do rio e sua ligação direta com a floresta. Durante o trabalho de campo na comunidade, buscamos entender um pouco de como a comunidade foi formada, para isso dialogamos com as pessoas mais velhas que residem e elas forneceram informações importantes que ajudaram a entender um pouco da formação da comunidade. Como já mencionado na metodologia desse trabalho, optamos em não colocar o nome dos moradores por questões éticas.

Perguntamos como se deu a formação da comunidade, o morador contou que seus pais, que viveram desde sempre na comunidade, relatavam as histórias de como surgiu à comunidade e quem foram seus primeiros moradores. No trecho da entrevista ele conta detalhes sobre o que foi perguntado:

Meus pais contavam que uma família veio para cá em busca de seringais, que na época tinha bastante seringueiras, e acabaram ficando por aqui. Chegaram em um batelo³ e fizeram uma casa com parede de miriti⁴ e cobriram com palha de jupati, meus pais contavam que eles tiravam a borracha e iam levar a remo no batelo até a cidade, onde era vendido (...). Essa família foi crescendo e depois vieram outros moradores para cá, os primeiros moradores que eu falei, moravam na boca do igarapé “pai Leandro” meu pai diziam que minha família ainda era parentes deles, porque minha bisavó ainda vinha ser sobrinha do homem que era chamado de Eunápio Valente. Essa história meu pai contava e dizia que foi sua bisavó que falava (...). (RIBEIRINHO 01, aposentado, 82 anos)

O processo de formação das comunidades ribeirinhas na Amazônia é resultado de uma longa história de ocupação humana e de interações com o ambiente amazônico. Na entrevista fica claro que essa formação se deu também na Comunidade de Tamanduazinho, que se estabeleceram ao longo dos rios e igarapés, construindo suas relações com o rio, a floresta e seus recursos naturais. Isso vai mostrar que na comunidade o processo da apropriação do território foi construindo identidades que podem ser vistas atualmente. Segundo Cruz (2007) a construção de identidade remete a vários sentidos quando analisamos os conceitos voltados para relação em que o homem constrói sua identidade ao longo do tempo onde vive, Cruz destaca o “referenciais espacial” para o autor construção da relação onde vivemos pode ser definida em dois momentos, pela dimensão concreta e simbólica que influencia a construção da identidade social e cultural de um grupo ou de um indivíduo, é uma estrutura de espaço-

3 Nome dado para tipo de embarcações da época era utilizada para se locomoverem pelos rios.

4 É uma árvore típica da região amazônica, utilizado para fazer artesanatos e até mesmos para servir como parede de casas, ainda hoje é comum encontrar essas arvores na comunidade.

tempo onde ocorrem as interações sociais e culturais que é o contexto em que a experiência é adquirida ao longo do tempo.

A construção da identidade ribeirinha é um processo complexo, tanto na dimensão concreta como na simbólica. Conforme Cruz (2007), os referenciais espaciais são o enquadramento espaço-temporal em que decorrem as experiências sociais e culturais, e é neste espaço que se configuram as práticas materiais e as representações espaciais, construindo assim o sentido de pertencimento e suas singularidades a um território.

Para a comunidade ribeirinha, o rio e a floresta são elementos fundamentais das referências espaciais que moldam a sua identidade. Os rios são as principais vias de transporte, comunicação e sobrevivência. É aqui (rios e florestas) que os ribeirinhos desenvolveram suas atividades. O rio é também um ponto de encontro e troca entre a comunidade, pois é através do rio que os moradores se movem em suas embarcações, na imagem (figura 4) podemos ver a comunidade vista de cima, é notório a presença das rabetas⁵ no percurso do rio.

Figura 4 - Imagem da Comunidade de Tamanduazinho



Fontes: imagem cedida pelo morador Zaniel Santos, obtida através de drone (2022)

Como mostra na imagem (figura 4), a presença das moradias se dá ao longo do percurso do rio, as casas ficam sobre a beira. A relação direta com floresta também é notória

⁵ Tipo de embarcação utilizada na comunidade. As rabetas possuem um motor de popa acoplado na parte traseira da embarcação, fazendo com os moradores se locomovem pelo rio.

na imagem, essa relação se dá pelo seu processo de formação ao longo da história, em que os moradores foram construindo suas casas nas beiras dos rios. Segundo Viana (2017) apesar de existir fortes semelhanças entre as comunidades ribeirinhas do baixo Tocantins, cada uma possui suas especificidades, revelada na sua história, nas suas formas de produzir, e na sua sociabilidade construída ao longo dos tempos que marcam a sua identidade.

A identidade dessas comunidades ribeirinhas ao longo do baixo Tocantins é moldada por seus atributos específicos, apesar de sua localização e modo de vida compartilhada no rio. Uma história única para cada comunidade, diversas formas de produção e relações sociais em transformação reforçam essa individualidade. O autor chama a atenção para as diferenças existentes entre essas comunidades, apesar de suas semelhanças. É fundamental reconhecer que não há duas comunidades ribeirinhas idênticas, apesar de algumas semelhanças que possam compartilhar. Os percursos históricos distintos de cada um conduziram à suas identidades.

2.3 A relação dos moradores de Tamanduazinho no passado com o rio e a floresta.

“Ser ribeirinho é relacionar-se com os rios e tudo o que há na natureza. Das águas dos rios, o ribeirinho não tira somente o alimento, elas também são uma fonte fértil para as produções do imaginário. O rio é parte integrante do cenário que mantém a tradição oral das lendas, costumes e mitos”. (LOUREIRO, 1995, P.203)

Na citação, o autor enfatiza que ser ribeirinho é desenvolver uma relação profunda com o rio e tudo o que a natureza tem a oferecer neste meio em que o ribeirinho vive. Os rios são a base para a sobrevivência material das pessoas ribeirinhas, fornecendo alimentos e recursos naturais. O rio também desempenha um papel importante na estruturação do imaginário e da cultura das comunidades ribeirinhas. Ele é um elemento integrante da cena que molda a identidade cultural e preserva as tradições da comunidade ribeirinha. Esta relação profunda e simbólica com o rio e a natureza faz parte do modo de vida ribeirinho e ajuda a criar um sentimento de pertencimento e ligação ao meio em que vivem.

Nesse sentido, esse tópico buscou analisar como os moradores usavam o rio e floresta no passado na comunidade de Tamanduazinho. Através do trabalho de campo realizado na comunidade buscamos desvendar as complexas relações passadas dos moradores do Tamanduazinho com o rio e a floresta. Nossas perguntas ecoaram pelas margens do rio em uma manhã de sol e com a maré enchendo, fomos atrás das respostas que nos remetem a um passado vivenciado por alguns moradores e que nas suas memórias e experiências puderam

compartilhar um pouco de suas histórias. Para isso optou-se em entrevistar os cinco moradores mais velhos da comunidade.

Os relatos que estarão descritos no quadro 1 revelaram uma relação profunda e simbiótica com o rio, onde suas águas não só provêm o sustento, mas nutrem a imaginação do coletivo. Isso porque, o rio é a fonte principal para os moradores pescarem, se locomoverem e tomar banho. Ao entender essas conexões inerentes com o rio, temos que também entender sua relação com a floresta, e quais as singularidades das comunidades com o meio natural que mostram a força e a resiliência desses moradores, cuja existência se entrelaça harmoniosamente com a natureza que as rodeia.

Figura 5 - Imagem da comunidade, mostrando o rio e as casas



Fontes: imagem cedida pelo morador Zaniel Santos, obtida através de drone, (2022)


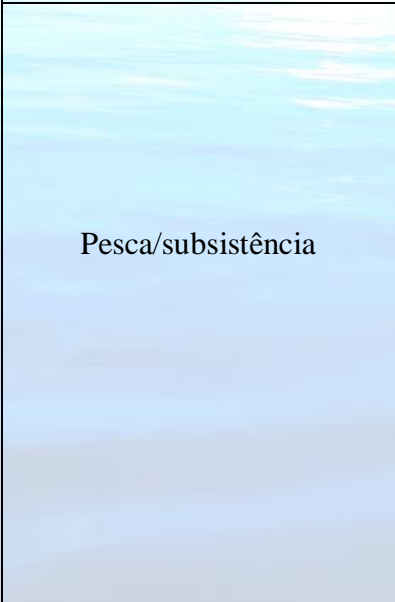
Segundo Fernandes e Moser (2021) a territorialidade ribeirinha se estabelece, principalmente, a partir do rio. É por meio de uma relação simbiótica intrínseca com a natureza que os ribeirinhos da comunidade Tamanduazinho estabeleceram (vem estabelecendo), ao longo do tempo, os alicerces de sua própria territorialidade. Suas relações entre ribeirinho e natureza, se entrelaçam solidificando as identidades coletivas e individuais da comunidade. Cada passo na margem do rio, cada mergulho nas águas, cada uso da floresta para sua sobrevivência é uma experiência cheia de significado e transcendência.

Durante o trabalho de campo, seguimos todos os critérios de entrevistas em residências, pedindo a permissão dos entrevistados. Nas entrevistas analisamos em um


primeiro momento a relação dos moradores com o rio e a floresta no passado, com bastante cuidado, as entrevistas foram bem-sucedidas e os moradores se disponibilizaram a responder todas as perguntas feitas.

No quadro a seguir optamos pela separação de cada pergunta e tema que se refere aos meios de usos relatados pelos entrevistados. Os entrevistados contaram um pouco daquilo que fomos em busca das repostas. Nesse sentido, o quadro demonstra que os mesmos relataram durante o trabalho de campo na comunidade.

Quadro 1 – Entrevistas sobre a relação com o rio e a floresta no passado.

Tipo de relação	Entrevista
 <p>Transporte/navegação</p>	<p>Parente, antigamente usávamos os cascos de remar, os batelos e os barcos pra fazer nossas viagens, o rio sempre teve muita importância pra nós [...] mas nem todos tinham um meio de transporte próprio, pois pra fazerem uma viagem era preciso ir ver com os donos de lancha pra fazer o frete, sabe [...] as primeiras pessoas que tiveram uma lancha aqui no rio foi à família do Sr. João Procópio Valente, as demais pessoas iam remando nos batelos para venderem a borracha, o açaí nas feiras da vila do Carmo e na cidade (Cametá), meu pai contava que era muito arriscado, pois atravessar o rio grande a remo poderia alagar dava muito banzeiro forte [...] agora quase não vejo nem gente de casco, de vem enquanto que vejo comrade Duca passar remando aqui, quando vai ver o que arranja pra comer. (Ribeirinho 02, 79 anos, aposentado, 23 de nov de 2022).</p>
 <p>Pesca/subsistência</p>	<p>Olha, a pesca sempre foi importante pra nós aqui do rio, né. Desde época do meu avô sempre pescamos, lembro que eu e os meus irmãos ía pra o mato fazer vara de caniço para ir com nosso pai para a beirada em busca de puxar alguma coisa para trazer pra nós comeremos. Durante a época da piracema, quando os peixes vão fazer a desova, montávamos nossas malhadeiras em pontos do rio que eram bons de pegar o peixe [...] a pesca era feita com anzol e linha, principalmente pra pescar peixes maiores, como o tucunaré, já a malhadeira era mais para colocar de espera e pegar branquinha e jutuarana [...]. (Ribeirinho 03, 81 anos, aposentado, 23 de nov de 2022).</p>

<p>Atividades extrativas / subsistência</p>	<p>Ah! meu amigo, a floresta sempre foi o meio pra gente conseguir alguma coisa pra pegar pra comer aqui em Tamanduazinho. Quando eu era molequote , aprendi com meus pais como cortar seringueira, tirar cacau e cuidar do nosso terreno [...]. Uma das atividades que mais era feita, foi à extração da borracha, depois o açaí e o cacau. Aqui na comunidade as pessoas sempre tiveram suas plantações que é de onde vinha o sustento da família [...] meus pais quando chegava o verão, tinham muito cuidado em roçar nosso mato, pra que pudessem ficar limpo e com isso ajudava para ir apanhar o açaí, tirar o cacau e na época eu ainda tinha 16 anos, eles cortavam as seringueiras para tirar a borracha. (Ribeirinho 04, 66 anos, aposentada e agricultora, 23 de nov de 2022)</p>
<p>Pesca/práticas</p>	<p>Olá! aqui no rio sempre fazíamos os borqueios, as vezes iam até dez pessoas, a gente convidada e cada um levava um tipo de material, um levava uma malha menor, outro maior, outro levava a fibra, caso o boto rasgasse a rede, já tinha a fibra para consertar a malhadeira [...] cada borqueio que a gente fazia dava pro almoço e a janta do outro dia [...] nunca vou esquecer desses momentos, tinha dois compadres que já não estão mais entre nós que eram parceiros , a gente ia pro rio de madrugada para colocar a malhadeira e trazer o almoço para as crianças [...] a pesca do camarão também sempre foi muito frequente na comunidade, sempre usamos o matapí que colocamos na beirada do rio [...](Ribeirinho 05, 69 anos, aposentado e agricultor, 23 de nov. de 2022). negritos nossos.</p>
<p>Rio e Floresta/subsistência</p>	<p>Moro aqui desde quando nasci, fui criado na comunidade, meus pais sempre me ensinaram a pescar, apanhar cacau, apanhar açaí [...] tempo atras as dificuldades pra se sobreviver eram muito grandes, não tínhamos ganho nenhum, as vendas do açaí não davam muito lucro, pois eram muito barato a lata [...] acordava cinco da manhã para ir revistar matapí e tirar o camarão, chegava e já ia para o mato apanhar açaí. As lutas eram constantes, no período da chuva, não tinha açaí e nem cacau para vender então tínhamos que em busca de outro meio de sobrevivência [...] na época a venda de <u>cuuba</u> e</p>

	<p>andiroba eram o que ainda dava para manter nossos sustentos e os peixes que pegava a gente vendia ia vender na <u>Vila do Carmo [...]</u> (Ribeirinho 06, 73 anos, aposentado, 23 de nov de 2022) <u>grifos</u> <u>NOSSOS.</u></p>
---	---

Fontes: entrevistas realizadas através do trabalho de campo na comunidade em Nov/2022

As entrevistas mostradas no quadro (1) nos levam a refletir sobre o processo da construção da identidade da comunidade de Tamanduazinho, isso, porque as pessoas mais velhas entrevistadas contam um pouco de como eram os seus meios de sobrevivência anos atrás na comunidade. Através das entrevistas realizadas no trabalho de campo, foi possível verificar que o rio e a floresta sempre tiveram papel muito importante na formação dessas múltiplas identidades em que a comunidade construiu (vem construindo) ao longo do tempo.

O entrevistado (Ribeirinho 02) conta um pouco sobre os meios de transporte que eram utilizados antigamente na comunidade, ele vai citar o casco de remar, os batelos e os barcos que poucas pessoas tinham, ele destaca a importância do rio para sua locomoção, menciona a necessidade de recorrer aos donos de lancha para fazer os fretes e os riscos enfrentados para se atravessar os rios para fazer suas vendas. Os cascos de remar citados pelo entrevistado, ainda são possíveis ver, pois eles continuam como um meio de transporte atualmente.

Figura 6 - Imagem de um casco de remar na comunidade



Fontes: autor (2023)

Apesar de não se usar mais com tanta frequência, mas, ainda é considerado um meio de transporte utilizado na comunidade. Os batelos não se usam e nem são encontrados na

comunidade, os batelos eram cascos maiores que cabiam em torno de dez pessoas e cada um tinha um remo, já as lanchas ainda são um meio de navegação que os moradores utilizam para suas viagens.

Figura 7 - Imagem de lanchas/barcos na comunidade



Fontes: autor (2023)

Os desafios dos ribeirinhos de Tamanduazinho no passado, eram em todos os sentidos quando falamos de suas identidades, o entrevistado (Ribeirinho 03) fala um pouco sobre a pesca como meio de subsistência para a população da comunidade, ele destaca a importância da pesca como atividade essencial e lembra das experiências que já teve no passado, conta um pouco dos tipos peixes que eram encontrados, as técnicas utilizadas, os materiais que se utilizava (o anzol, caniço, malhadeira) mostra a sua relação entre a pesca e meio para sobreviver. Ainda é possível ver que alguns moradores utilizam a malhadeira para o marisco dos peixes na comunidade, já a pesca do caniço quase não se observa.

O ribeirinho no casco de remar com a malhadeira é uma imagem que mostra que algumas das práticas de subsistência ainda são praticadas até hoje. Quando analisamos as falas dos entrevistados as evidências de como a territorialidade está presente nas suas relações com o rio e floresta e a importância dos recursos naturais para as suas subsistências, que envolve as práticas e relações estabelecidas na comunidade (HAESBAERT, 2007).

Os entrevistados (ribeirinho 04 e 06) enfatizam a importância da floresta como fonte de subsistência, a borracha foi uma atividade extrativa muito presente anos atrás na Amazônia, na comunidade de Tamanduazinho foi por muito tempo fonte de renda e sobrevivência dos moradores.

Figura 8 - Imagem de pescador com malhadeira na comunidade



Fontes: autor (2023)

O açáí e o cacau são outros meios que sempre fizeram parte da renda e das atividades extrativas dos moradores, antigamente os preços eram muito baixos, o que fazia com que os ribeirinhos se deslocassem para as feiras próximas da comunidade, uma dessas feiras era a de Vila do Carmo⁶.

Figura 9 - Imagem da Vila do Carmo



Fontes: autor (2023)

⁶ Vila do Carmo, é uma das diversas vilas que o município de Cametá possui, ela possui feiras e mercados que fazem parte da rotina das comunidades ribeirinhas que ficam as margens do rio Tocantins. Vila do Carmo ao longo do tempo vem crescendo e se tornando um polo comercial para as pessoas que moram distante da cidade. Cerca de trinta minutos da comunidade de Tamanduazinho, sempre foi uma das vilas que as pessoas vendem seus seus produtos (açáí, cacau, peixe...)

A feira mais próxima da comunidade é a de Vila do Carmo, no passado os moradores enfrentavam muitas dificuldades para atravessar o Rio Tocantins de casco, pois a maré e as ondas sempre foram muito fortes.

A colheita do açaí e do cacau sempre fez parte da rotina no modo de vida das pessoas da comunidade como forma de sustento. Segundo Santos (2004), o modo de vida está presente nas relações sociais e culturais em um determinado território, evidenciando-se que a população de Tamanduazinho tem suas práticas e suas relações. O cacau tem papel importante na dinâmica extrativa e na relação dos moradores com a floresta.

Na imagem (figura 10) mostra que o cultivo do cacau ainda se faz presente na comunidade como uma prática de subsistência. O cacau é colocado no sol para secar e posteriormente ser vendido. A fala do entrevistado mostra que o cacau sempre fez parte da dinâmica extrativa na comunidade, ou seja, é uma atividade permanente e que até os dias atuais ainda é praticado.

Figura 10 - Cacau secando na ponte para ser vendido



Fontes: autor (2023)

Outro fator que mostra que ainda existem atividades praticadas no passado e no presente é a pesca. A prática da pesca é evidente nas falas dos entrevistados, o uso das técnicas relatado pelo entrevistado (ribeirinho 05) mostram que essas práticas eram importantes tanto no sentido de conseguir o sustento da sua família, como também das relações sociais em que os moradores tinham em ir juntos e compartilhar do momento da pescaria. Aqui se compreende os processos sociais envolvidos no modo de vida destacado por

Santos (2004) as relações que os sujeitos desenvolvem quando se fala de compartilhar suas experiências dentro de seu próprio território.

A pesca de camarão ainda é presente na comunidade, assim como já mostrado aqui em que a malhadeira ainda é usada como uma forma dos moradores buscarem outro tipo de sustento, o matapí também ainda é utilizado como uma técnica de pesca, onde é colocado nas margens do rio em busca do camarão.

Essa técnica sempre foi utilizada pelos moradores que já residiam na comunidade e que ainda hoje é praticada. Isso mostra que algumas técnicas de pesca ainda estão presentes, já outras não são mais praticadas como antigamente como é caso da pesca de caniço, hoje em dia não se vê mais esse tipo de pesca, sendo substituído pela pesca de fechamento no leito do rio.

Figura 11 - Matapís para a pesca do camarão



Fontes: autor (2023)

As relações dos moradores de Tamanduazinho com o rio e a floresta vão muito além dessas atividades e práticas extrativas e de pesca aqui já apresentada. As entrevistas com os moradores mostram uma forte relação de pertencimento ao território (CRUZ, 2008). Nas falas dos entrevistados mostra um forte vínculo afetivo e simbólico com o rio e floresta relacionando as práticas tradicionais desenvolvidas na comunidade, ressaltando a importância desses elementos na construção da identidade ribeirinha dos moradores de Tamanduazinho.

Partindo do pressuposto de que as identidades não são auto-suficiente (CRUZ, 2008), precisamos entender o diálogo que envolve os moradores e suas relações de pertencimento interno. Para isso, separamos outras entrevistas com os moradores mais jovens, na qual

buscou-se entender o olhar deles com referência a floresta e o rio, como eles os usam atualmente, será discutido e apresentado no próximo tópico.

2.4. A relação dos moradores de Tamanduazinho no presente com o rio e a floresta

Desse modo, nenhuma identidade é auto-suficiente, auto-referenciada em sua positividade, pois é sempre construída de maneira relacional e contrastiva. É nessas teias complexas de valorações e significados de reconhecimento e alteridade, diálogo e conflito entre os grupos que se forjam a consciência de pertencimento e as identidades. (CRUZ, 2008, p. 60)

Cruz (2008) destaca que a identidade não existe de forma única, ao contrário, a construção da identidade se dá por meio de relações e contrastes dentro de um determinado território. Para se analisar as características de tais identidades devemos observar se há diferença de pensamentos e convivência. Os moradores mais idosos aqui já entrevistados tem um arcabouço muito grande de informações vividas na comunidade, lembranças que fazem ao seu imaginário uma fonte de saberes e social destacada pela sua forte relação com o rio e floresta.


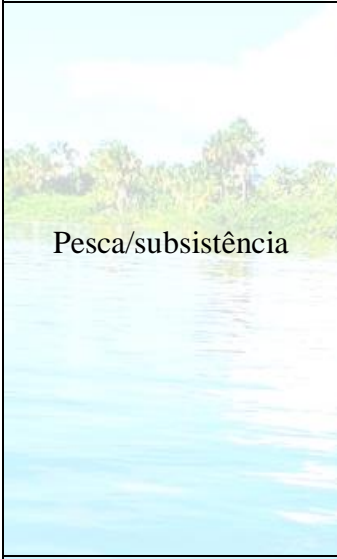
Neste tópico buscamos entender as relações que as pessoas mais jovens da comunidade têm com o rio e a floresta. No contexto da identidade construída, baseada nas experiências, tradições e valores estabelecidos pelas pessoas mais idosas, enquanto as populações jovens podem ter experiências moldada por suas influências das pessoas mais idosas ou não. Entender as diferentes perspectivas entre gerações é entender o reconhecimento e o significado da importância do território em que eles vivem.


O ribeirinho se organiza de acordo com o passar do tempo, isso mostra que suas identidades sempre estão em mudanças, o olhar das pessoas mais idosas é de um passado onde tudo segundo os entrevistados era um pouco mais difícil, a busca pela subsistência remetia desafios que foram superados pelos moradores, seja no tipo de transporte ou através da técnica da pesca e das atividades extrativas.

Os jovens têm uma visão mais atual de suas vivências. Por isso, entrevistamos algumas pessoas mais jovens da comunidade na busca de entender a sua relação atual com o rio e a floresta descrita no quadro 02, seguindo os mesmos critérios do quadro 01, porém com perguntas voltadas para atualidade.

As entrevistas foram realizadas no trabalho de campo dia 28 de dezembro em uma tarde nublada com a maré seca, de rabetá fomos em busca de conversar com as pessoas mais jovens na faixa etária de 18 a 30 anos.

Quadro 2- Entrevistas sobre a relação com o rio e a floresta no presente

Tipo de relação	Entrevista
 <p>Transporte/navegação</p>	<p>Boa tarde! As rabetas são o tipo de transporte mais utilizado na comunidade, pois é bem mais prático[...]os cascos de remar utilizamos mais para ir à casa de alguém mais próximo [...] as voadeiras/lanchas atualmente são utilizadas com bastantes frequência para as viagens para a cidade e pra vila, quase todo mundo aqui na comunidade tem uma lancha/voadeira[...] as viagens são bem mais rápida, meu pai me disse que antes a viagem daqui pra cidade (Cametá) durava em média 3 horas de lancha, hoje em dia dura 45 minutos[...] (Ribeirinho 07, 26 anos, pescador artesanal, 28 de dez. de 2022).</p>
 <p>Pesca/subsistência</p>	<p>Mano! Hoje em dia a pesca é somente feita com malhadeira, isso quando a maré ajuda[...] utilizamos sempre as malhas de acordo com a época do ano[...] no período de novembro a março a pesca fica suspensa (período defeso) [...] meu avô gosta de colocar malhadeira, as vezes vou com ele para o rio. A pesca do camarão também ainda é bem comum na comunidade no período da maré mais alta[...] os poços que o pessoal pescava secaram e nem tem peixe, então hoje quase ninguém pesca de caniço, até por que as beiradas do rio são proibidas pescar por alguns moradores[...] (Ribeirinho 08, 29 anos, pescador artesanal, 28 de dez. de 2022).</p>
<p>Atividades extrativas / subsistência</p>	<p>Meu jovem, atualmente as atividades mais comuns é o açaí, o cacau [...] isso em uma boa parte dos anos, na safra a venda é bastante ajuda muito no sustento da família. Hoje em dia é bom a venda do açaí por que o comprador passa no porto de casa [...] o cacau também é bom a venda, o kg está 20 reais, ajuda bastantes [...]. aqui na comunidade tem bastantes terrenos grandes com plantações de açazeiros e de cacoeiros, tem família que tem um lucro de 20 mil reais com vendas de açaí e de cacau [...] (Ribeirinho 09, 30 anos, agricultor, 28 de dez. de 2022).</p>
	<p>Aqui na comunidade quase não se vê pessoas pescando no casco, as únicas práticas ainda é o marisco com a malhadeira, mas isso só</p>

<p>Pesca/práticas</p>	<p>em época de maré grande, porque o rio cada ano que passa vai secando e muitas praias estão surgindo[...]. o consumo de peixe se da muito pela compra, principalmente de julho a novembro época em que maré fica baixa[...] (Ribeirinho 10, pescadora artesanal, 26 anos, 28 de dez de 2022).</p>
<p>Rio e Floresta/subsistência</p> 	<p>Boa tarde! O rio ainda é utilizado para a pesca (peixe e camarão), alguns moradores daqui ainda tem malhadeiras em suas casas e colocam quando a água enche [...] o açaí é atividade mais comum aqui, no tempo da safra a gente vende por dia em torno de 15 latas [...] a roçagem é feita para sempre manter limpo o terreno, algumas pessoas pagam para roçar seus matos que já ajuda muito em uma renda extra [...] a pesca é uma atividade bastante limitada hoje em dia aqui, até por que o rio seca muito, isso muda muito nossa dinâmica [...] o cuidado do mato é essencial para que as safras de açaí sempre dei, e quando chega a safra é comum irmos pro mato e não corre o risco de ter cobra com o mato alto [...] (Ribeirinho 11, estudante, 19 anos, 28 dez de 2022)</p>
<p>Mudanças no uso/ rio e floresta</p>	<p>Oi! A principal mudança é em relação ao uso do rio, pois a escassez dos peixes é muito grande, meu pai me falou que antes ele pescava e pegava bastantes peixes, hoje em dia não tem [...] o jeito é comprar dos vendedores que passam [...] a floresta ainda é bastante utilizada seja para plantação, cultivo e até mesmo para o ar que respiramos aqui [...] existem muitas histórias que o povo daqui conta sobre como era o uso tempo atrás, a pesca era feita era compartilhada, a caça era feita nos mundés para pegar as caças [...] hoje em dia eu não sei nem como é que faz um mundé, meu pai me fala que era feito de palha, eu acredito que exista algumas mudanças, mas bem poucas[...]. (Ribeirinho 12, sem ocupação, 22 anos, 28 de dez de 2022). Negritos nossos</p>

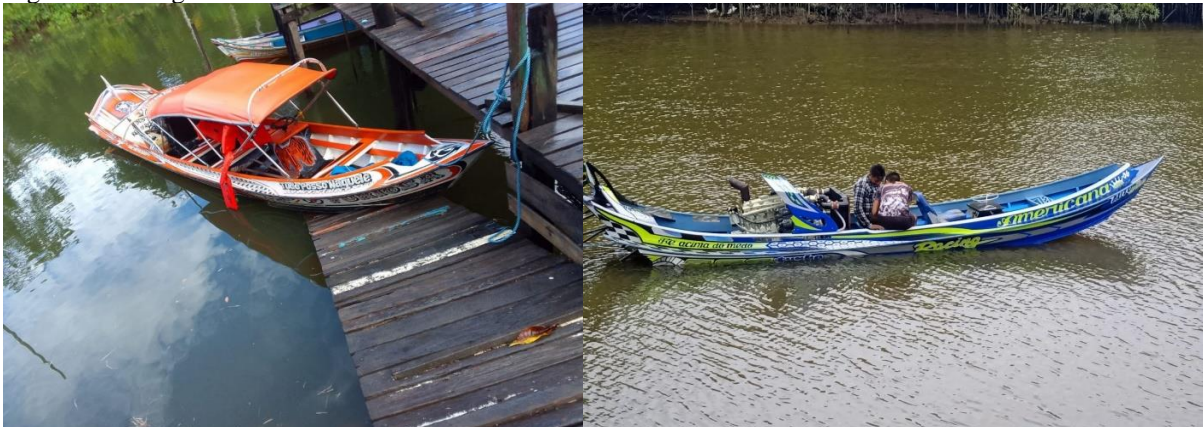
Fontes: entrevistas realizadas através do trabalho de campo na comunidade em dez/2022

A escolha de entrevistar um grupo de pessoas mais idosas e outro de pessoas mais jovens entre os moradores é atingir uns dos objetivos aqui buscado na compreensão das diferentes perspectivas e experiências vividas em relação ao rio e a floresta. No passado os

entrevistados deixam claro que sua relação sempre foi de pertencimento onde envolvem sua dinâmica ribeirinha com o rio e a floresta. Isso faz com que possamos entender o que as pessoas mais jovens pensam e quais são suas relações na atualidade, indo mais além é crucial que entendamos os olhares dos moradores hoje em dia, ou seja, a busca pela identidade é auto referenciada pela população mais jovens? Pergunta essa que nos leva a entender os entrevistados na sua dimensão vivida até hoje na comunidade.

O entrevistado (Ribeirinho 07) em sua fala menciona os diferentes meios de transporte utilizados atualmente na comunidade, a rapidez das viagens se tornou mais eficazes para os moradores que antes levavam em média três horas de viagens até a sede do município e demais locais. As voadeiras/lanchas hoje em dia se tornaram um meio de transporte em que muitas famílias na comunidade têm, mas não devemos pensar que o casco não é utilizado, pois ainda é um meio utilizado para os moradores irem de uma casa para outra. Na imagem (figura 12) mostra os tipos de voadeiras/lanchas que atualmente são bastantes utilizadas na comunidade.

Figura 12 - Imagens das voadeiras/lanchas utilizadas na comunidade



Fontes: autor (2023)

As rabetas também são uma forma de transporte muito utilizado atualmente na comunidade, segundo o entrevistado, as rabetas servem basicamente para as viagens rápidas e mais perto. As rabetas não são somente um meio em que os ribeirinhos utilizam para suas viagens, o rio é o principal meio de conexão em que eles possuem para se deslocarem em suas viagens, seja para ir para uma vila próxima, como para suas atividades extrativas pelas beiradas do rio, evidenciando sua relação em uma jornada diária na busca do seu alimento e seus afazeres na comunidade. Aquela imagem do imaginário ribeirinho que se desloca pelos rios na sua interação com aquelas águas que todos os dias faz parte de sua dinâmica no seu modo de vida (Santos, 2004), cujo sua organização está diretamente ligada ao seu território.

Figura 13 - Imagens de ribeirinhos no rio nas rabetas



Fontes: autor (2023)

Quando olhamos nas imagens (figura 13), podemos ver que o rio e a floresta percorrem na imaginação do que entendemos que seja uma identidade de sua forte ligação com esses elementos que estão que acompanham. Nesse sentido o entrevistado (Ribeirinho 08) relata sobre a restrição em que os moradores têm referente a pesca na comunidade, isso se dá devido a escassez dos peixes, fazendo com que a associação dos pescadores proíba entre os meses de nov. a mar para que o peixe possa fazer seu processo de crescimento. O entrevistado ainda relata sobre o uso de técnicas que ainda são utilizados na comunidade, mesmo com algumas limitações, a malhadeira e a pesca do camarão através dos matapís que aqui já foi mencionado e mostrado ainda fazem parte da relação dos moradores com os meios de subsistência da pesca.

Outro fator importante que vale destacar, é seca do rio,⁷ nos últimos anos o leito do rio da comunidade vem secando ano após ano, trazendo dificuldades para os moradores que praticam atividades de pesca, como mencionado pelo entrevistado, os poços em que os moradores chamam são aquelas partes do leito do rio em que tem uma maior profundidade e que ali costumava ter peixe, hoje em dia estão cada vez mais secos.

Uma das principais consequências dessas secas é certamente a diminuição da disponibilidade dos peixes, que no passado sempre foram fonte essencial de sobrevivência e de mantimento dos moradores. Apesar de alguns moradores ainda irem em busca do peixe com suas malhadeiras, é notório que essa atividade já não é como antes. Até mesmo porque na comunidade existe venda de peixe do gelo vindo da cidade (Cametá), fazendo com que os

⁷ Segundo Viana (2017) as transformações provocadas pela construção da UHT, afetaram profundamente o modo de vida da população a jusante do Rio Tocantins, e sem dúvida representa um grande divisor de águas, fazendo com que as comunidades ribeirinhas nas margens do Rio Tocantins sofressem impacto.

moradores ainda assim tenham outra opção de consumo do peixe. Nas imagens abaixo podemos ver que as mudanças em torno do leito do rio, na qual foi mencionado pelo entrevistado sobre a seca, é bastante notória. Para se ter uma ideia e para afins de comparação, no período chuvoso a maré fica em um nível maior e proporciona aos moradores um maior conforto na navegação e até mesmo na busca pelo pescado, mas quando é o período de junho a novembro a maré fica em um nível muito baixo.

Figura 14 - Imagens da seca e da cheia na comunidade



Fontes: autor (2023)

O uso do território não se dá apenas pela sociabilidade entre os moradores, mas pela sua temporalidade ribeirinha. Segundo Cruz (2008) as particularidades das temporalidades da população ribeirinha são definidas por elementos fundamentais como a tradição e a dinâmica com a natureza. Quando analisamos as falas dos entrevistados do quadro 1 sobre as atividades extrativas na comunidade é basicamente repetida pelos entrevistados do quadro 2. O entrevistado (Ribeirinho 09) destaca a importância do açaí e do cacau como atividades de subsistência na comunidade, relacionando-as a sua relação com a floresta, essas atividades sempre fizeram partes da dinâmica dos moradores de Tamanduazinho.

Levantar todos os dias para ir tirar o açaí na época da safra é uma atividade bastante frequente e praticada pelos ribeirinhos de Tamanduazinho, isso envolve uma forte ligação de suas práticas tradicionais com floresta. Não tão obstante e nem tanto no imaginário os ribeirinhos praticam suas relações, a floresta sempre é utilizada para sua conexão de uma auto identidade no que reflete no modo de vida construído dentro do próprio território.

Nas imagens (figura 15) retrata o que foi colocado pelo entrevistado (Ribeirinho 09): o açaí é ainda uma das atividades extrativas mais bem praticadas.

Figura 15 - Imagens do cultivo do Açaí



Fontes: autor (2023)

De um lado a ribeirinha debulhando o açai para vender e de outro a açazal repleto de açai para ser retirado e depois vendido e consumido. O açai além de ser vendido pelos moradores é também o prato principal para seu almoço e sua janta, pois eles só comem se tiver o açai. Em uma conversa rápida durante o trabalho de campo a moradora conta que não come sem açai.

Aqui em casa ninguém come sem açai, eu mesma não consigo, pois quando é época de janeiro a maio em que não tem açai, meu marido compra de outras pessoas que tem terreno maior e fazem reserva do açai para vender nessa época. Meus filhos só come se tiver nem que seja a chuara [...] (Moradora, Ribeirinho 15)

Como mencionado pela moradora que conta em forma de risos que tem que ter pelos menos a chuara⁸, é comum que o açai esteja na mesa do almoço e na janta na casa dos moradores de Tamanduazinho. Segundo Gonçalves (2004) isso remete ao seu estilo de vida nas singularidades presentes nas pessoas e nos seus hábitos, ou seja, o açai faz parte do hábito do ribeirinho na hora de sua alimentação.

Em outro capítulo trataremos sobre o uso e o consumo do açai atualmente na comunidade, vale destacar que o entrevistado falou sobre a venda do açai atualmente pelos moradores. Quando entrevistamos as pessoas mais idosas elas destacam que a venda de seus produtos, incluindo o açai era feita nas feiras das vilas próximas e da cidade, hoje em dia essa dinâmica mudou e segundo relato do entrevistado (Ribeirinho 09) ficou mais fácil e acessível a venda do açai e até mesmo os preços. Isso se dá porque os compradores vão de porto em porto fazendo a compra do açai e essa dinâmica se dá pelo processo de expansão do consumo

⁸ Termo utilizado pelos ribeirinhos para dizer que o açai está agoado.

do mesmo, que leva esses compradores irem em busca desse fruto até as comunidades ribeirinhas.

Figura 16 - Imagens dos compradores de açaí na comunidade



Fontes: autor (2023)

Na fala do entrevistado ele cita que a compra no seu porto é mais eficaz e que isso possibilita que eles não saiam das suas casas e vá para as feiras fazer a venda. Entretanto retomamos a fala da moradora em que disse que em um período do ano, que é o período que não é da safra, existe a falta do açaí e que existe na comunidade pessoas que reservam para vender nessa época. Mostra que a venda rápida pode fazer com que a falta do açaí seja constante devido essa venda direta no porto de suas casas.

As entrevistas mostram a interdependência dos moradores com relação ao rio e a floresta, a escassez dos recursos naturais (pesca) remete novas formas de organização em que os ribeirinhos possam ter para sua subsistência, isso demonstra as mudanças no uso do rio principalmente, que não é só a escassez, mas também a questão naturais do rio como é caso da seca, fazendo com que os mesmo tenham seu modo de vida tradicional afetado e que leva uma nova forma de sua territorialidade nas mudanças que ocorrem.

O uso do rio através das lanchas, rabetas evidencia a importância do mesmo (rio) como o elemento central do território ribeirinho, enquanto as restrições impostam pelos órgãos na busca de soluções da reprodução do peixe, isso faz com que haja uma necessidade de gerir os recursos dentro do território, ou seja, a territorialidade sobre o uso do rio. Indo mais adiante ao analisamos os entrevistados principalmente do quadro 2, mostram que há uma

dependência da subsistência em relação ao rio e a floresta, o cultivo do açaí e do cacau principalmente são atividades que se destacam como pioneiros nas práticas extrativas na comunidade. Essas práticas estão enraizadas no modo de vida dos moradores que envolve a utilização desses recursos. A observação nos ciclos naturais é importante para que haja uma adaptação das atividades que os ribeirinhos praticam, como é caso do período defeso citado pelo entrevistado, isso evidencia a conexão dos moradores com a natureza ao seu modo de vida que é colocado por Santos (2004).

A redução da pesca, o uso do casco de remar, são principais práticas relatada que, atualmente, vem passando por transformações que vão afetar diretamente o modo de vida e a territorialidade dos moradores, requerendo que se adaptem para ainda assim manter suas identidades e valorização de seus meios tradicionais. Quando analisamos as falas dos mais jovens com os mais velhos, podemos achar que eles têm visões diferentes, podem ter sim suas diferenças, mas um contraste maior entre eles não é observado pela sua dinâmica ribeirinha ao usarem o mesmo território no que se refere ao rio e a floresta.

Voltamos a ideia de que a identidade ribeirinha é uma identidade territorial (HAESBAERT, 2004) essa concepção destaca a estreita relação entre a identidade dos moradores de Tamanduazinho e o seu território onde ali vivem. Essa relação se mostra presente nas falas dos entrevistados, evidenciando como suas identidades se entrelaçam no imaginário e no seu sentimento de pertencimento. No entanto é importante destacar que essa identidade não é homogênea, pois os entrevistados deixam claro quando cada um, fala de suas particularidades, suas vivências e suas perspectivas individuais vividas na comunidade.

As narrativas dos entrevistados mostram a diversidade de experiências e a pluralidade de significados ao território dos ribeirinhos, isso resulta em uma complexa análise das diversas identidades que ali se entrelaçam. Dessa forma, o conceito de identidade ribeirinha como uma identidade territorial é mostrada nas falas dos moradores, mostrando a importância do território como uma referência central ao rio e a floresta na construção de suas identidades individuais e coletivas como citados no quadro 1, essa conexão com o seu território onde vivem é vista pelas suas memórias, no caso dos entrevistados mais idosos, pelas suas relações sociais e pelas práticas de forma direta com o rio e floresta.

2.5. As concepções e visões dos moradores mais velhos com o presente e dos mais jovens com o passado

Apesar da cultura e do modo de vida ribeirinho serem marcados por um tempo estacionário e lento, pautado na dinâmica da natureza e na tradição, não podemos

compreender a identidade ribeirinha como estática, congelada no tempo e no espaço, pois como qualquer outra identidade ela está exposta ao movimento da história (CRUZ, 2008, p.56).

O autor em sua fala, menciona que a identidade ribeirinha não deve ser vista como algo que para no tempo, ele destaca a importância da compreensão que essa identidade está sujeita a se transformar ao longo da história. Essa compreensão é importante para que possamos entender os processos de mudanças e de permanências na vida dos moradores.

Nesse sentido, nesse tópico abordaremos as concepções que os moradores mais velhos falam do presente e os mais jovens do passado. Para que possamos entender como a história nos leva a compreender as suas identidades, nas quais os mais idosos já vieram ao longo do tempo construindo uma vida na comunidade e atualmente olham as mudanças na comunidade. Já os mais jovens, estão acompanhando essas mudanças em sua realidade, mas para que os mesmos entendam que essas mudanças estão ocorrendo é preciso entenderem que suas identidades construídas (ou vem construindo) com o passado vivido na comunidade pelos mais idosos, para isso é preciso entender como eles olham e pensam no passado.

Nesse tópico optamos por separar apenas duas entrevistas, uma de cada. Como vimos no tópico anterior os ribeirinhos destacaram em suas falas a importância do passado e do presente nas suas relações com rio e a floresta, para isso é importante compreender as formas de uso e as concepções que os moradores têm quando falamos de um processo histórico de formação das identidades. No quadro 1 e 2 podemos imaginar que há uma separação de falas e de tempo, não existe uma separação de falas, apenas um aprimoramento na busca de um entendimento melhor em que os mais idosos falam do passado e os mais jovens do presente e neste tópico as falas das duas entrevistas é necessária para podermos entender as concepções dos moradores do passado e do presente, em uma inversão.

Hoje a coisas mudaram bastantes, eu lembro que anos atrás aqui no rio eu via muita gente pescando, hoje não se ver mais como antigamente, não vai longe aqui em casa mesmo, os meninos pouco eles colocam malhadeira no rio, não só isso mudou aqui, muitas coisas estão mudada, estou com 81 anos e hoje não é mais como no tempo dos meus pais. Meu neto tem essas lanhas que ele vai em poucos minutos na cidade, antes pra se chegar na cidade era uma dificuldade que nem fale até. Eu acho que eles gostam dessa vida, é até melhor do que antigamente. **(Ribeirinho 03, 81 anos, aposentado, 23 de nov de 2022).**

Na entrevista o ribeirinho de 81 anos, fala e expressa a percepção das mudanças ocorridas na comunidade ao longo do tempo. Segundo o morador (ribeirinho 03), ele destaca que a pesca, que antes era uma prática comum, tornou-se menos frequente. Além disso, o acesso à cidade também se modificou, com a presença de lanchas motorizadas que permitem um deslocamento mais rápido. O entrevistado também reconhece que essas mudanças

trouxeram benefícios, facilitando o acesso a serviços. Segundo o entrevistado (ribeirinho 03) seu neto, tem mais facilidade hoje em dia com essas mudanças e essa nova realidade.

Na entrevista o ribeirinho expressa sua percepção com as transformações ocorridas na comunidade ribeirinha ao longo do tempo, especialmente no que diz respeito à tecnologia e às facilidades proporcionadas pela modernização. Essas mudanças afetaram as práticas tradicionais, como a pesca, e influenciaram a forma como os moradores se relacionam com o rio e a cidade. É interessante notar que, mesmo reconhecendo as vantagens trazidas pelas mudanças, o entrevistado expressa uma visão do passado, ressaltando a diferença entre a realidade atual e a vivenciada por seus pais. Essa perspectiva revela as nuances das percepções entre gerações e as diferentes formas de encarar as transformações e adaptações no modo de vida ribeirinho.

Na entrevista a seguir, o jovem fala da sua concepção sobre o passado. Para que haja uma compreensão das concepções e olhares dos próprios moradores em suas realidades, a jovem fala sobre a sua visão ao passado dos moradores. Segundo a mesma:

Meu amigo! meus pais me contam que antes aqui no rio as coisas eram bem mais difícil, tinha que ir de casco pra lugares não tinha rabeta, meu pai fala que até quando tinha alguém doente até ir pra cidade[...] sei lá eu acho que eles tinham um pouco de dificuldades antes, até pra ir pro mato. Só que pelo o que o meu pai e minha mãe falam eu acho que antes era melhor os respeitos entre os moradores e uma aproximação melhor. **(Ribeirinho 10, pescadora artesanal, 26 anos, 28 de dez. de 2022).**

Segundo a entrevistada (ribeirinho 10) as histórias que ouve de seus pais sobre as dificuldades enfrentadas antigamente, fazem com que a mesma conte sobre sua visão e concepção da vida ribeirinha em Tamanduazinho.

Em sua fala a entrevistada conta que antigamente segundo os pais delas contam, não tinha transporte adequado, a necessidade de usar cascos de barcos e as dificuldades de acesso à cidade, que só era feita através dos cascos e barcos que só algumas pessoas possuíam. A entrevistada também destaca que acredita que as relações entre os moradores eram mais próximas e respeitadas no passado. Essa percepção sugere que, no passado, havia uma maior convivência e colaboração entre os membros da comunidade, o que contribuía para fortalecer os laços sociais. Essas percepções da jovem ribeirinha mostram a importância de valorizar a memória e as narrativas dos mais velhos, que carregam consigo as experiências e saberes do passado. Através dessas histórias transmitidas de geração em geração, é possível compreender as transformações vivenciadas pela comunidade ao longo do tempo.

É de suma importância, falar como a jovem ribeirinha reconhece as dificuldades enfrentadas no passado (segundo contam seus pais) ao mesmo tempo em que reconhece que o acesso a melhores recursos e a modernização no presente trouxe certas melhorias em termos de transporte e comunicação. Essa percepção demonstra uma consciência das mudanças ocorridas na comunidade, mas também uma valorização das relações comunitárias e dos valores tradicionais.

CAPÍTULO 3: AS MUDANÇAS, PERMANÊNCIAS E COEXISTÊNCIAS NO MODO DE VIDA DOS MORADORES DE TAMANDUAZINHO E SUAS RELAÇÕES COM A MODERNIZAÇÃO.

O fato do ribeirinho não mais realizar manualmente todo o processo de comunicação, utensílios em décadas passadas, em nosso entendimento, não devem ser visto como uma descaracterização da sua identidade e do seu modo de vida. Mas, isso reforça a nossa ideia a respeito da produção desses saberes-fazeres como um processo histórico, passível de reconstrução e redirecionamento. (Viana ,2017, p.69)

A citação destacada, aborda a mudança no processo de comunicação e na utilização de utensílios pelos ribeirinhos ao longo do tempo. O autor defende que essas transformações não devem ser interpretadas como uma descaracterização da identidade e do modo de vida ribeirinho, mas sim como parte de um processo histórico em constante transformação. A ideia central da citação é que os saberes-fazeres dos ribeirinhos são construídos ao longo do tempo e estão sujeitos a reconstrução e redirecionamento. Isso significa que as práticas e habilidades que antes eram realizadas manualmente podem ser adaptadas e transformadas à medida que novas tecnologias e ferramentas se tornam disponíveis.

Essa perspectiva ressalta a importância de compreender a identidade e o modo de vida ribeirinho como dinâmicos e em constante diálogo com o contexto histórico e as influências externas. As transformações não invalidam a essência dessas comunidades, mas sim evidenciam sua capacidade de se adaptar e se reinventar diante das mudanças sociais, tecnológicas.

Nesse sentido esse capítulo tem como objetivo entender as mudanças, permanências e coexistências no modo de vida dos moradores de Tamanduazinho e suas relações com a modernização, abordando ainda suas relações de poder, cultura e sociabilidade. Assim como no capítulo anterior, nesse capítulo também entrevistamos alguns moradores da comunidade.

3.1. Tamanduazinho: as mudanças, permanências e coexistências no modo de vida e suas relações com a modernização


Nesse tópico abordaremos o contexto das mudanças, permanências que vem ocorrendo em meio a modernização. A comunidade de Tamanduazinho nos últimos anos vem passando por diversas transformações, como toda pesquisa que quer ter repostas de suas dúvidas, fomos entrevistar os moradores na busca de analisar suas falas e entender as dinâmicas em que a comunidade atualmente vive. Com o uso de novas tecnologias, a comunidade passa a se reorganizar em meio a modernização, com uma nova rotina no dia a dia dos moradores de Tamanduazinho.


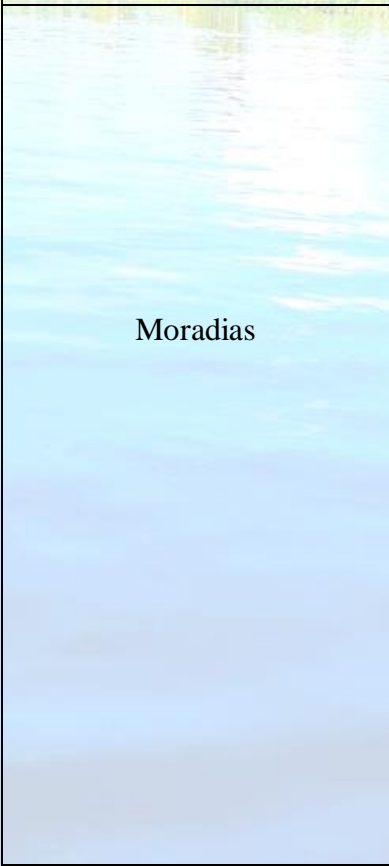
Segundo Santos (2006) a inserção dos objetos técnicos, também conhecidos como artefatos técnicos ou tecnológicos, na maioria das vezes trazem melhoria e adaptações para sociedade. Os mesmos são resultado de um processo de inovação e evolução tecnológica, refletindo a capacidade criativa e adaptativa da sociedade para enfrentar desafios e satisfazer suas necessidades. A criação e uso desses artefatos estão intrinsecamente relacionados ao contexto cultural, econômico e social de cada comunidade ou época, influenciando a forma como as pessoas vivem e interagem com o mundo ao seu redor.

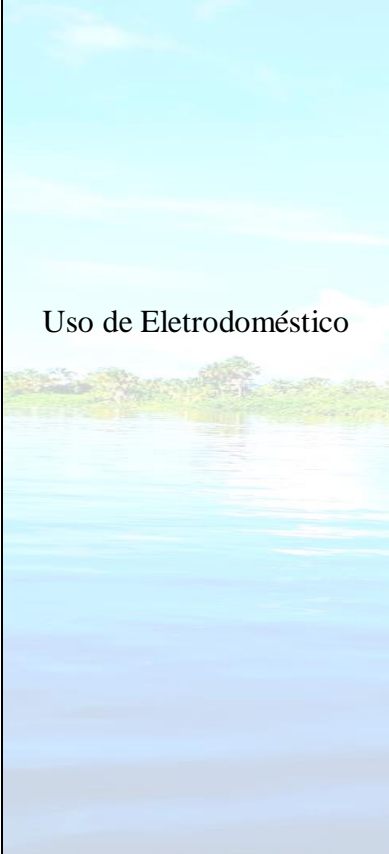
Esses objetivos presentes na vida dos moradores, é notório quando analisamos suas falas, os mesmos falam em melhorias e o uso de novos elementos tecnológicos. A introdução a modernidade (LEFEBVRE, 1969) na vida dos moradores mostram uma mudança no seu modo de vida, apresentando uma nova materialidade na relação com os meios modernos presente.

No quadro a seguir (quadro 3), os ribeirinhos falam sobre as suas relações com os meios de comunicação, novos costumes de alimentação, uso de novos eletrodomésticos e as mudanças na construção das moradias. Essas entrevistas foram realizadas com os moradores da comunidade de Tamanduazinho, que se disponibilizaram a contar um pouco do seu modo de vida. Os entrevistados relatam em suas falas que:

Quadro 3 - Entrevistas sobre as mudanças em meio à modernização na comunidade

Tipos de mudanças	Entrevistas
 <p data-bbox="252 1675 555 1709">Meios de comunicação</p>	<p data-bbox="611 1308 1414 1944">O celular é muito utilizado pelo pessoal, o WhatsApp quase todo mundo tem, o telefone de antena ainda é utilizado também [...]eu uso pra mandar mensagem pro pessoal da minha família que moram em Belém, minha mãe fala com minhas irmãs em chamada de vídeo[...] eu uso pra mandar mensagem pro pessoal aqui no rio, as vezes eu falo com as meninas do grupo da igreja[...] o telefone de antena é mais pra ligação de crédito que minha usa pra ligar, aqui no rio muitas casas tem internet, aqui em casa pagamos 120 por mês[...] acho que é bom, porque antes para se falar com o pessoal era meio complicado, as vezes tinha que ir no vizinho que tinha telefone pra ir ligar.</p> <p data-bbox="611 1989 1374 2022">(Ribeirinho 13, Dona de Casa, 31 anos, 28 de dez de 2022)</p>

 <p>Alimentação/costumes</p>	<p>Boa tarde! Aqui em casa nós comemos variado, eu e minha mulher fazemos compra na Vila do Carmo compramos duas três vezes no mês. Que eu veja aqui no rio muita gente come porque compra[...] comida congelada que a gente chama, peixe a gente come quando compra, por que quase não pega aqui. Tem a venda da Glória, do seu Jango e do seu chico, eles vendem comida carne, frango[...]. Aqui em casa a gente cria pato, de vez enquanto que comemos é bem difícil, as vezes é pro pessoal quando vem de Belém. Teve bastante, eu me entendi e vi que antes na casa dos meus pais a gente comia caça (mucura, paca...) na época isso em 2003 minha mãe criva muita galinha, porco e pato, hoje as coisas estão bem mudadas, na época não existia venda de comida aqui, hoje já tem.</p> <p>(Ribeirinho 14, pescador, 42 anos, 28 de dez de 2022)</p>
 <p>Moradias</p>	<p>Olha! De certo tempo pra cá muitos moradores começaram a construir de alvenaria, isso foi quando o governo do Lula deu essas casas em 2009. O pessoal vinha construir as casas e uns modelos eram feitos de Alvenaria. Logo depois veio a energia, então o pessoal começaram a fazer casa de alvenaria[...] aqui ainda tem muitas casas de madeiras e bem feitas, eu cheguei vê casa coberta com palha e fechada com miriti hoje não se vê mais. A casa do papai com a mamãe era coberta de palha nós lutamos e fizemos uma casa boa. Acho que as casas mudaram e é bem melhor, aqui no tamanduá não se ver uma casa feia, só casas bonitas rsrs.</p> <p>(Ribeirinho 15, pescador, 55 anos, 28 de dez de 2022)</p>
	<p>Sim, máquina de bater açaí, lavadora de roupa, geladeira, microondas[...] olha aqui nós usamos bastantes pra nossas</p>

 <p>Uso de Eletrodoméstico</p>	<p>lutas do dia a dia. Hoje tem a energia que ajuda muito, antes pra bater açai era na mão e cansava os braços rsrs[...] pra gelar agua tinha que comprar o gelo, até pra guardar comida hoje ta bem melhor. Máquina de lavar roupa também ajuda muito, teve dia de eu amanhecer com os braços doendo tanto lavar roupa na mão e tinha que acordar cedo pra lavar roupa[...] pra fazer comida no fogão de lenha tinha que ir partir a lenha pro fogo e as vezes demorava ficar bom, no fogão e no forno é mais rápido, so que a gente ainda usa o fogão de lenha pra quando vai fazer alguma coisa frito ou assado[...] o fogão de lenha era muito utilizado pelos meus pais e meus avôs que inclusive até hoje ainda gosta de cozinhar de lenha. Antes também tomava de pote hoje não tem mais pote, açai era amassado no aguidá[...].</p> <p>(Ribeirinho 16, Dona de casa, 49 anos, 28 de dez de 2022)</p>
--	--

Fontes: entrevistas realizadas através do trabalho de campo na comunidade em dez/2022

Nas entrevistas do quadro 3, os ribeirinhos relatam diferentes tipos de mudanças que ocorreram na comunidade ao longo dos anos. Cada entrevista aborda um tema específico. Na primeira entrevista que trata sobre os meios de comunicação, a moradora (ribeirinho 13) fala sobre a utilização do celular e do telefone de antena como meios de comunicação na comunidade. Ele ressalta que o acesso à internet e ao WhatsApp facilitou a comunicação com familiares distantes, além de possibilitar o contato com outras pessoas da comunidade, como os membros do grupo da igreja.

A moradora destaca em sua fala sobre a utilização de novos meios de comunicação, esse novo meio de se comunicar na comunidade evidencia uma mudança com os objetos técnicos que se fazem presente na atualidade. A presença desses objetos se dá através de antenas de internet, wi-fi e internet rural, durante o trabalho de campo foi possível observar a presença desses equipamentos nas casas dos moradores, conforme mostra as imagens.

Figura 17- Imagens de equipamentos de internet



Fontes: autor (2023)

O relato da moradora sobre o uso de novos meios de comunicação, evidenciam mudanças no modo como os moradores se comunicam na atualidade, a mesma fala sobre o uso do telefone de antena (rural), e que ainda hoje é usado, porém com menos frequência que no passado na comunidade. Antigamente, o uso de aparelhos para se comunicar era restrito, apenas alguns moradores tinham o telefone. Diga-se de passagem, hoje os moradores fazem chamada de vídeo para se comunicar com parentes que moram fora da comunidade.

Com a chegada da internet na comunidade, podemos dizer que houve uma mudança e uma nova adaptação com os meios de comunicação entre os moradores. A presença de wi-fi nas moradorias, evidencia uma transformação a inserção das tecnologias dentro da comunidade de Tamanduazinho.

Na entrevista sobre alimentação e costumes, o entrevistado (ribeirinho 14) fala sobre as mudanças nos hábitos de alimentação na comunidade ao longo do tempo. O mesmo menciona em sua fala que, atualmente, sua família consome uma variedade de alimentos adquiridos na Vila do Carmo (vila que fica próxima a comunidade), fazendo compras duas a três vezes por mês. O ribeirinho destaca a presença de alimentos congelados e a escassez de peixe local, levando as pessoas a comprarem de vendedores locais.

Nessa perspectiva, ao dizer sobre as mudanças no modo de se alimentar, o ribeirinho está se referindo a atualidade em que vive na comunidade. A presença de criação de serimbabos na comunidade ainda é notória, na imagem (figura 18) o ribeirinho da comida aos patos em que cria, mostrando que ainda é possível ver esse costume da criação de serimbabos para o consumo.

Figura 18 - Imagens de criação de serimbabos na comunidade



Fontes: autor (2023)

O entrevistado destaca que o consumo é limitado, mas ainda existe na comunidade. O ribeirinho faz comparações com o passado, mencionando que, em 2003, sua mãe criava mais galinhas, porcos e patos, e algumas das caças que eram consumidas na comunidade incluía caça, como mucura e paca. Ele destaca a mudança no cenário alimentar, com a introdução de vendas de comida na comunidade. A disponibilidade de alimentos na comunidade e os hábitos alimentares evoluíram ao longo do tempo na comunidade de Tamanduazinho. As transformações na refeição refletem não apenas mudanças nos recursos naturais, como a pesca, mas também a influência de fatores sociais e econômicos na comunidade.

Ao analisar a fala do ribeirinho podemos apontar alguns pontos de sua entrevista em relação as mudanças no habito alimentar. Vale ressaltar que essas mudanças ocorreram devido as residências possuírem eletrodoméstico que podem comprar seus alimentos e guardar de um dia para outro, outro fator é a escassez de alimentos (peixe). Agora vale dizer que ainda hoje na comunidade existem o consumo de peixes, camarão...etc. Não vale aqui generalizar e esquecer seus costumes.

Os ribeirinhos na hora de suas refeições sempre faziam uma roda no assoalho da casa para fazer seu almoço e sua janta, hoje em dia essa realidade começou a mudar. As rodas no assoalho, na maioria das residências deu lugar a mesas mais modernas, onde, os mesmos fazem suas refeições atualmente. No entanto, estamos falando de uma realidade da comunidade de Tamanduazinho, isso não serve para as demais comunidades ribeirinhas. Na

imagem a seguir (figura 19) mostra uma família reunida em roda para jantar em uma comunidade ribeirinha do estado do Amazonas.

Figura 19 - Imagem de família reunida no assoalho da casa



Fontes: André Silva (2015), imagem retirada do facebook

Essa imagem retrata muito a vida ribeirinha, pois eles faziam suas refeições em roda. Momentos de se reunir e se alimentar, conversando. Isso mostra que esses hábitos ainda podem ser vistos em outras comunidades. A vida ribeirinha tem seus costumes que muitas vezes podem ser vistos em locais diferentes, ou seja, cada território tem suas próprias territorialidade dos seus habitantes e residentes daquele determinado território. As comunidades ribeirinhas não são diferentes, pois os seus costumes também mudam de comunidade para comunidade.

Na terceira entrevista o ribeirinho (15) aborda as mudanças nas construções das casas na comunidade. Ele destaca que, após o governo fornecer casas de alvenaria em 2009, muitos moradores começaram a construir casas de alvenaria. Antes, as casas eram feitas de madeira e palha, mas atualmente predominam as casas de alvenaria. Ao perceber na fala do entrevistado sobre o programa do governo federal, buscamos entender melhor sobre o mesmo, nesse sentido fomos entrevistar o coordenador do sindicato dos trabalhadores rurais, o mesmo conta na entrevista:

Boa tarde. Como sempre ouve interesse por alguns governos em privatizar a floresta amazônica. Ou seja vender a estrangeiro, as populações nativas dentro das áreas de

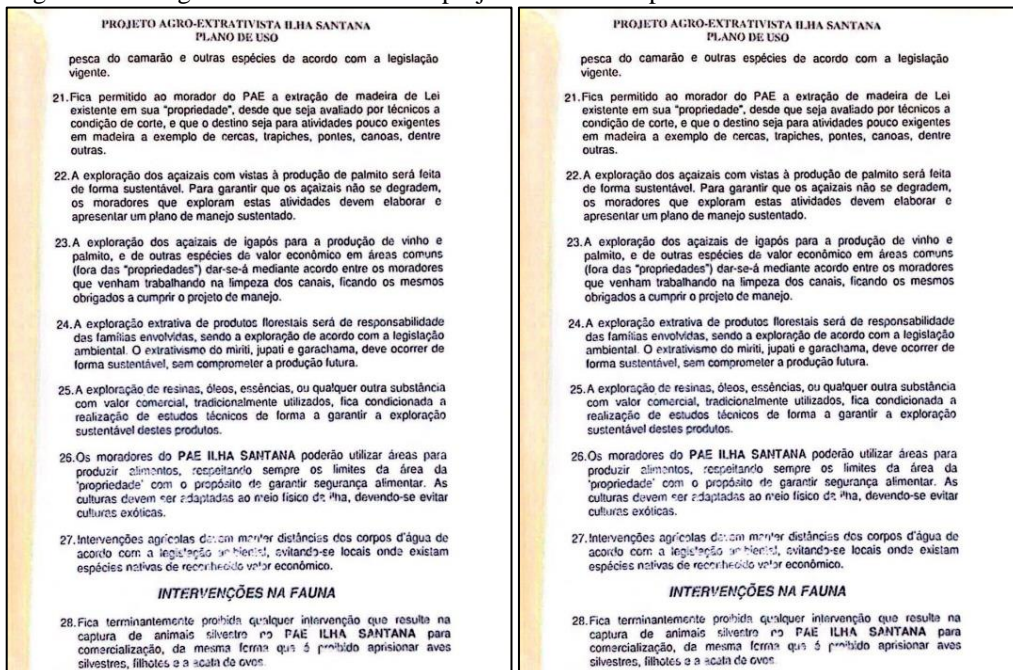
ilhas onde havia necessidade de sair de suas casas, mas obedecendo alguns critérios do proprietário, ou seja, uma forma de escravidão. Aí o governo Lula resolveu criar o projeto de assentamentos agro-extrativista pelo INCRA nas ilhas com a homologação de documentos coletivos dos ribeirinhos assentados, que podiam extrair recursos naturais, açaí, peixe entre outros e ainda ganhavam a casa. dentro do projeto tem equipe de profissional na área de: Técnico de Agriculturas, Técnico de enfermagem, Técnico em meio ambiente, pedagogo, psicólogo etc. então em 2009 esse programa dos assentamentos dos ribeirinhos chegou aqui na nossa comunidade, eles agrupavam por setor as comunidades a nossa fazia parte do setor Rio Santana que era composta por outras cinco comunidade, na época foram construída 120 casas aqui no Tamanduazinho, essas casas vinham com banheiros de alvenaria, cozinha, sala, quarto e mais os eletrodoméstico dentro. Cada família recebeu um título como proprietário da casa. Com o tempo o programa foi perdendo força, no governo do Bolsonaro foi praticamente extinto com tempo as famílias foram adaptando as casas do seu jeito, hoje não se ver mais as casas primárias que foram construídas porque os moradores mudaram elas. **(Domingos Reginaldo, Coordenador do STR, Entrevista dia 18 de abril de 2023)**

O programa agro-extrativistas para as comunidades ribeirinhas surgiu no ano de 2009 durante o governo Lula, como destaca o entrevistado (Coordenador do STR) o projeto visava as comunidades ribeirinhas da Amazônia, no intuito de incentivo a agricultura e a urbanização. O entrevistado conta que as comunidades do projeto eram divididas em setor, onde reunia diversas comunidades.

O projeto contava com vários profissionais de várias áreas de estudo, os mesmos faziam as análises e a viabilidade do projeto. O projeto permitia que os ribeirinhos assentados nas comunidades extraíssem recursos naturais, como açaí e peixes, enquanto também recebiam casas com infraestrutura básica, como banheiros, cozinhas e quartos, além de eletrodomésticos. Cada família recebeu um título de propriedade da casa.

No entanto, ao longo do tempo, o programa perdeu força, especialmente durante o governo de Jair Bolsonaro, que praticamente o extinguiu. Como resultado, as famílias começaram a adaptar as casas de acordo com suas necessidades e preferências, o que levou a uma mudança na aparência das casas originais construídas pelo programa. A fala do entrevistado mostra a importância das políticas públicas para as comunidades ribeirinhas. Na imagem a seguir mostra os documentos do projeto, que foram distribuídos para todos os presidentes dos sindicatos. Esses documentos mostram os pontos em que os ribeirinhos tinham que cumprir com o incentivo do governo federal.

Figura 20 - Imagem dos documentos do projeto extrativista para as comunidades ribeirinhas



Fontes: Domingos Reginaldo, Coordenador do STR

A partir do ano de 2009 as residências em Tamanduazinho começaram a se modificar, a influência do projeto agro-extrativistas ajudou bastante para que essas mudanças ocorressem. Atualmente na comunidade existem muitas moradias de alvenaria, isso mostra uma modernização nas residências, que antes eram feitas de madeira e até mesmo coberto com palhas. As imagens (figura 21) a seguir mostram residências de alvenaria e com estruturas boas.

Figura 21 - Imagem de casas de alvenaria na comunidade



Fontes: autor (2023)

Ao olhar as imagens das casas, podemos dizer que as residências da comunidade de Tamanduazinho se modificaram ao passar dos anos. A vida ribeirinha não representa apenas

aquilo que muitos pensam, uma vida pacata. A vida ribeirinha é muito mais que isso. A adaptação no seu modo de vida é essencial para que os mesmo possam ter mais comodidade, não representa uma perda de identidade, repersenta uma transformação.

Dando continuidade, na ultima entrevista do quadro 3, a entrevistada (ribeirinho 16), de 49 anos, em uma conversa super especial fala sobre as mudanças no modo de vida e nas práticas cotidianas da comunidade ribeirinha ao longo do tempo. Em um primeiro momento ela destaca o uso dos eletrodomésticos para suas atividades diárias, A entrevistada menciona o uso da máquina de bater açaí, lavadora de roupa, geladeira e micro-ondas, indicando a incorporação dessas comodidades em seu dia a dia. Durante muitos anos, o uso do alquidar⁹ na comunidade se fez objeto na casas dos moradores, hoje em dia não é possível encontrar mais, pois o mesmo deu lugar as bateadeiras elétricas.

Figura 22 - Imagem ilustrativa de um Alquidar



Fontes: artesanato marajoara (2014)

O alquidar era bastante utilizado para os moradores amassar o açaí para suas refeições, essa prática se fez presente por muitos anos na comunidade segundo os moradores. Na imagem (figura 23) a bateadeira é quase indispensável na casa dos moradores de Tamanduazinho, pois através dela é que o açaí é batido para o consumo diário. Segundo conta a moradora, o uso dos eletrodoméstico elétricos se fazem presente nas residencias de Tamanduazinho, isso se deu a outro fator que mais pra frente abordaremos que é a energia elétrica.

Nesse sentido a presença de elementos configuram uma mudança de meios de uso de objetos manuais para o uso dos objetos tecnológicos, mostrando uma nova forma de uso e uma melhor praticidade na vida dos moradores segundo relata a entrevistada. Na imagem (figura 23) mostra a bateadeira em um residência ns comunidade.

⁹ Objeto feito de barro, utilizado para amassar o açaí pelos moradores de Tamanduazinho

Figura 23 - Imagem de bateadeira de açáí usada na comunidade



Fontes: autor (2023)

Dando continuidade, as mudanças de usos de outros elementos também se fazem presente na comunidade. O fogão de lenha era muito utilizado no passado pelos moradores, hoje em dia já não muito utilizado, mas devemos considerar que, mesmo não sendo utilizado com frequência, ele ainda se faz presente nas casas dos moradores.

Figura 24 - Imagem de fogão à lenha



Fontes: autor (2023)

Como mostra na imagem (figura 24), a presença do fogão à lenha se faz presente na casa das famílias, isso mostra que é um elemento que marca a história dos moradores, representando uma significância dos objetos que no passado foram de suma importância para as atividades dos moradores. Reflete uma modernização nas atividades domésticas.

A chegada da energia elétrica na comunidade é destacada como uma grande ajuda, tornando tarefas antes árduas, como bater açaí e lavar roupas à mão, mais fáceis e eficientes. A entrevista também revela uma transformação nos hábitos alimentares, com a compra de alimentos processados, como comida congelada, e a diminuição do consumo de alimentos tradicionais na comunidade.

Figura 25 - Imagem de elementos da energia elétrica na comunidade



Fontes: autor (2023)

A chegada da energia elétrica na comunidade, trouxe algumas dessas mudanças que aqui já mencionamos, as famílias se reorganizaram e começaram usar eletrodomésticos elétricos, isso conduz com a realidade da comunidade atualmente. Como destacou a entrevistada, a persistência do uso do fogão a lenha, especialmente para preparar alimentos específicos, e menciona a tradição de seus pais e avós em cozinhar dessa forma. As

complexas mudanças que ocorreram na comunidade ao longo do tempo, onde alguns fatores trouxeram mudanças, como a energia e o programa agro-extrativista dos quais já falamos aqui. Os elementos da construção da história coexistem com a manutenção de práticas tradicionais, refletindo a adaptação constante das pessoas a novos modos de vida, mesmo com a modernização.

As entrevistas do quadro 3, mostram que as mudanças ocorreram na comunidade, impulsionadas pela modernização e o acesso a novos meios de comunicação e facilidades. Essas transformações tiveram impactos nas formas de comunicação, na alimentação, nas moradias e no uso de eletrodomésticos, demonstrando como o modo de vida dos ribeirinhos foi influenciado pelo contexto da modernidade.

Por outro lado, também é possível perceber que elementos das tradições e dos costumes ainda estão presentes, mostrando a coexistência de práticas antigas com as novas realidades. Essa convivência entre mudanças e permanências ressalta a riqueza e complexidade da identidade e do modo de vida ribeirinho em meio às transformações sociais e com a inserção da modernização. Segundo (GALLO, 2012) é mediante a implantação e renovação das materialidades no território que se reconfiguram novos usos do território, ou seja, uma nova organização e uso do mesmo.

Segundo Viana (2017) a presença dos objetos técnicos estão cada vez mais presentes na vida desses sujeitos e conseqüentemente como esses elementos podem (ou não) está interferindo no modo de vida e na identidade desses sujeitos. Antigamente, umas das práticas que permeava a comunidade ribeirinha de Tamanduazinho era a de famílias se reunindo ao redor de um grande roda no chão das casas para compartilhar suas refeições.

No entanto, com o passar do tempo e as transformações trazidas pela modernização, essa realidade foi se modificando em Tamanduazinho. Hoje, é possível notar mudanças nos hábitos alimentares e na forma como as refeições são compartilhadas na comunidade.

A influência de novas práticas alimentares, o acesso a supermercados e a disponibilidade de alimentos industrializados têm impactado os costumes tradicionais dos ribeirinhos. As antigas rodas no chão têm dado lugar a mesas e cadeiras nas casas de vidro, onde as famílias agora se reúnem para as refeições. Essa mudança reflete uma maior individualização dos hábitos alimentares, à medida que cada membro da família pode preparar e escolher sua própria comida.

Apesar das mudanças, ainda é possível encontrar vestígios da antiga tradição de compartilhar as refeições entre os ribeirinhos de Tamanduazinho. Em eventos comunitários, festividades e ocasiões especiais, as rodas no chão podem ser revividas, evocando as memórias de um tempo em que o coletivo era a essência da alimentação ribeirinha.

Essa transformação nas práticas alimentares é apenas um dos aspectos das mudanças na comunidade de Tamanduazinho. As relações com a modernização têm impactado diversos aspectos do modo de vida dos moradores, resultando em um cenário de coexistência entre tradição e a modernização.

A identidade ribeirinha permanece viva, reinventando-se em meio às transformações do tempo. As memórias do passado se mesclam ao presente, permitindo que as tradições se mantenham, ainda que adaptadas à nova realidade. Nesse sentido a coexistência entre o passado e o presente, na comunidade de Tamanduazinho, mostra que a adaptação ao território é essencial para que a comunidade se molde ao longo do tempo. A identidade é moldada pelas mudanças ao longo do tempo, a identidade é mutável. (CRUZ, 2008)

As entrevistas revelam uma mudança de hábitos, costumes e de uma nova forma de como os moradores se comunicam na atualidade. A territorialidade se faz presente na forma de como os moradores se organizam nessa nova perspectiva de organização. O modo de vida dos moradores sofreram mudanças pela presença de uma expansão do processo de modernização, isso se dá pela presença de elementos que influenciam essas mudanças.

O modo de vida desses grupos sociais, especialmente as comunidades ribeirinhas, cujo cotidiano é diretamente influenciado pelos fluxos dos rios, vai na contramão do modelo de civilização globalizada. Entretanto, é preciso reconhecer que, com a expansão do capitalismo na região, essas sociedades sofreram transformações sociais, econômicas, culturais e territoriais (FERNANDES e MOSER, 2021, p. 338)

As transformações ocorridas mostram que as comunidades ribeirinhas estão se adaptando e apresentando novas formas de relações sociais, culturais e territoriais, não deixando aquela ideia de que as mesmas possuem atrasos e levam uma vida parada no tempo. Mais uma vez ressaltamos que estamos falando de um estudo de caso, ou seja, de uma comunidade específica. Segundo Santos (2004), o modo de vida e as relações sociais estão na cultura de um determinado grupo em um dado território. Como menciona Santos (2004) o modo de vida e as relações sociais estão ligados à cultura de um grupo em um território, é fundamental para entender as mudanças no modo de vida das populações ribeirinhas, especialmente no contexto da modernização dessas comunidades.

Os moradores da comunidade de Tamanduazinho, desenvolveram modos de vida intimamente relacionados com a floresta e os rios. Suas práticas de subsistência, como a pesca, agricultura que já mencionamos aqui, são profundamente enraizadas em suas culturas e seus costumes vividos no passado.

Com a chegada da modernidade, incluindo a energia elétrica, o acesso a eletrodomésticos, aos meios de comunicação, e a disponibilidade de produtos industrializados nas proximidades, a população ribeirinha da comunidade começaram a experimentar mudanças significativas. As novas formas de uso do território alteraram a dinâmica do modo de vida dessas pessoas.

A energia elétrica, facilitou o acesso a dispositivos eletrônicos, como televisões e celulares, que passaram a desempenhar um papel importante na comunicação e no entretenimento das famílias. Isso alterou a dinâmica das interações sociais, criando novas formas de conexão e influenciando a cultura local. No entanto, é crucial observar que, apesar dessas mudanças, muitos elementos de costumes permanecem. A persistência do uso do fogão a lenha para o uso e a criação de patos para ocasiões especiais são exemplos disso. Esses elementos culturais continuam a desempenhar um papel importante na identidade das comunidades ribeirinhas.

E nesse sentido que Santos (2004) ressalta a complexidade das mudanças nos modos de vida de uma determinada população à medida que enfrentam a modernidade. Essas mudanças não apenas afetam suas atividades cotidianas, mas também suas relações sociais e culturais, destacando a necessidade de manter as tradições com a adaptação às novas realidades com a introdução a modernidade e sociais.

A partir do entendimento, de que as identidades não são paradas no tempo, podemos dizer que isso reflete na concepção do território usado e vivido (SANTOS, 2002) ou seja, apresenta novas materialidades estatizadas, não somente os seus limites de uma determinada porção, mas sim, uma singularidade de uso na inserção da modernidade.

3.2. Cultura e sociabilidade: as relações no passado e no presente.

O que torna peculiar um território ou uma territorialidade é a maneira como os sujeitos envolvidos na sua construção conduzem ou exercem o controle social através de sua territorialização. Isso varia de acordo com o contexto histórico, o modelo de sociedade, de cultura, e de grupo social (VIANA, 2017, p. 25)

O autor destaca a ideia de que a peculiaridade de um território ou territorialidade é moldada pela forma como os sujeitos envolvidos exercem o controle social por meio da

territorialização. No contexto histórico na formação de uma territorialidade, a cultura de um grupo, suas tradições, valores, crenças e práticas desempenham um papel significativo na maneira como um território é moldado e como as relações sociais são estruturadas.

A maneira como as comunidades ribeirinhas moldam seus territórios pode ser diferente de uma sociedade urbana, devido às suas necessidades e valores específicos. Cada grupo cultural pode desenvolver sua própria territorialidade, com base em suas tradições e modos de vida. Isso é evidência que os meios de sociabilidade e cultura em determinada ocasião, sejam diferentes, ao mesmo tempo mantendo suas relações com o rio e a floresta.

Segundo Haesbaert (2004), a territorialidade não é estática; ela evolui com o tempo. Mudanças sociais e culturais podem acontecer, no sentido de como o território é controlado e como as pessoas interagem entre si. A introdução da modernização, pode modificar as práticas culturais e as dinâmicas sociais. A territorialidade tem um papel importante na formação da identidade de uma população, ela não apenas reflete quem são essas pessoas, mas também como elas se relacionam com seu ambiente e entre si.

A influência na forma de como os sujeitos controlam e moldam seus territórios, é parte da construção de suas culturas e seus meios de sociabilidade. Essas influências são enraizada no contexto histórico, social e cultural. Portanto, entender a cultura da comunidade ribeirinha de Tamanduazinho é fundamental para compreender as complexas dinâmicas do território e das territorialidades.

Nesse sentido, esse tópico buscou entender os meios de sociabilidade e cultura dos moradores de Tamanduazinho no passado e no presente e as relações de poder. No dia 18 de abril de 2023, fomos entrevistar os moradores da comunidade, na busca de saber quais eram os meios de cultura e de sociabilidade praticados no passado e atualmente na comunidade.

Os entrevistados mais velhos falaram sobre suas experiências vividas e o que eles acham sobre as mudanças na atualidade. No entanto os jovens destacam suas concepções da atualidade, os meios de sociabilidade e de cultura vividas na comunidade.

No quadro a seguir (quadro 4) separamos os principais tipos de cultura e de sociabilidade no passado e no presente destacado nas entrevistas pelos ribeirinhos de Tamanduazinho. A cultura sempre fez parte da vida ribeirinha

Quadro 4 - Quadro sobre os meios de cultura e sociabilidade entre os jovens e idosos

PASSADO	Cultura	Sociabilidade	PRESENTE	Cultura	Sociabilidade
	Festejos de santos	Encontros comunitários		Festejo de santo	Jogo de futebol
	Reza nas casas	Festas nos casarões		Porfia de rabetas	Festa nas arenas
	Tomar banho no rio	Reunião para assistir tv		Venda do açaí	Comemorações
	Pescaria	Jogar baralho		Comer todos os dias com açaí	Grupos no whatsapp

Fontes: trechos retirados das entrevistas realizadas através do trabalho de campo na comunidade em abr/2023

Antigamente aqui na comunidade nos tínhamos os festejos dos santos que era um festejado nas casa das pessoas aqui na comunidade tinha família que tinha seus Santos devoções a gente ia pra reza no casco tinha os círios e e te ir e também tinha outros tipo de de de coisas que eram praticados aqui na comunidade né, eu lembro também que tinhas as festas dos casarões, Também tinha a questão da pescaria né meu amigo, que antigamente aqui o povo se reuniu pra ir pescar né então reunir amigos parente outro rio né é aí e outras coisa né, olhar a TV na casa dos outros que na comunidade nem todo mundo tinha então quando dava 6h00 da tarde povo ia pra casa das pessoas que tinham TV assistir novela né outros e jogar baralho nas casas. (Ribeirinho 17, aposentado, 69 anos, 18 de abril de 2023)

Como mostra na entrevista, o morador mais velho, fala sobre os festejos do santos. Essas festas religiosas, com raízes na fé católica, uniam a comunidade para as celebrações e sua devoção aos santos. O morador (ribeirinho 17) fala que antigamente na comunidade existiam as reuniões para assistir a tv na casa daquelas pessoas que possuíam, na época apenas algumas pessoas tinham. Outro fato importante era dos encontros comunitários que existiam na comunidade. Segundo conta os moradores, os encontros comunitários eram reuniões em que se reunia várias lideranças de comunidades próximas, pois, os mesmo se encontravam para decidir em reuniões os meios de proteção aos pescados e algumas restrições das comunidades. Segundo conta o ribeirinho esses encontros foram criando uma individualização em que cada comunidade tem seu coordenador. O mesmo decide em reunião dentro da sua própria comunidade.

Dando continuidade, os moradores destacam que no passado existiam as rezas nas casas pois não existiam igrejas físicas. Os Círios dos santos eram realizados nos cascos no

rio. Os moradores também falam sobre a cultura da pescaria, que era muito praticada na comunidade onde se reunia várias pessoas para ir pescar em grupos, parentes e amigos. O morador conta que isso com o tempo foi deixando de existir. Na atualidade não se vê mais essa prática da pesca que para ele era uma cultura para os moradores no passado e que no presente não se repete.

O morador relata sobre cultura e sociabilidade dos moradores, ele destaca o jogo do baralho, o mesmo conta que o jogo era um meio de sociabilidade que os moradores tinham em ir para casa de alguém todo final de semana e em uma roda na ponte faziam o jogo do baralho, onde reunia várias e várias pessoas. O mesmo diz que na atualidade esse meio de sociabilidade deixou de existir. Hoje em dia o jogo do baralho quase não se vê na comunidade.

Nesse sentido, as falas dos moradores mais velhos mostram que no passado os moradores tinham uma maior interação com a sua cultura e com a sua sociabilidade, destacando-se a proximidade dos moradores entre si. Nesse sentido, é importante destacar que o rio tem papel importante na cultura dos moradores de Tamanduazinho, o uso do rio para praticar o Círio, as festas de santos, o encontro dos amigos para pescar, mostram que o mesmo teve papel importante nessa construção da cultura em modo em geral. Segundo Cruz (2011):

O rio como espaço social é o meio e a mediação das tramas e dos dramas sociais que constituem o modo de vida ribeirinho com seus saberes, fazeres e sociabilidades cotidianas. Já como espaço simbólico ele é matriz do imaginário, produto e produtor dos sistemas de crenças, lendas, cosmogonias e mitos ligados à floresta e ao misterioso universo das águas que são elementos fundamentais na construção das identidades na Amazônia. (CRUZ, 2011, p. 11)

Como menciona Cruz (2011) a importância do rio nas comunidades ribeirinhas é concebido como um espaço social, que atua como o palco central onde ocorrem as complexas interações humanas. Nesse sentido é que as pessoas se encontram, convivem e compartilham seus meios de sociabilidade. Essas interações são importantes para o modo de vida ribeirinho, que incorpora conhecimentos locais, práticas e formas específicas de sociabilidade.

O rio é profundamente enraizado no imaginário coletivo das comunidades ribeirinhas. As águas do rio, a floresta circundante e tudo relacionado a esse ambiente desempenham um papel importante na cultura e no meio social. O rio, portanto, não é apenas um recurso físico; ele é um componente fundamental na construção das identidades culturais ribeirinhas. Ele não é apenas um local onde as comunidades vivem, é uma parte integral de quem eles são. As histórias, mitos e tradições associados ao rio são de suma importância para a formação da

identidade dessas comunidades. Elas se veem como parte integrante deste ambiente, e o rio é central para sua compreensão de si mesmas. (Cruz, 2011).

Dando continuidade, analisaremos as falas dos entrevistados mais jovens. O morador destaca que:

Eu acho que a festa do Sagrado ainda continua muito forte aqui na comunidade sendo uma festa bonita, aqui o que a gente pratica mais é o jogo de futebol né tem as festa que acontece nas arenas, comemoração de aniversário, casamento e eu acho que uma das cultura mesmo assim mais presente no momento eu acredito que é as porfias de rabetas, a venda de açaí né porque como a gente vende aqui na comunidade eu acredito que seja uma cultura né daqui nossa, também tenho mês Mariano que é o mês que tem reza nas família o mês todo, E os grupo de zap é uma sociabilidade né acho, pessoal da comunidade tem um deles pessoa, da escola né então todo mundo se comunica pelo grupo do WhatsApp e aí é isso né. **(Ribeirinho 18, agricultora, 29 anos, 18 de abril de 2023)**

A festividade do sagrado coração de Jesus, é uma festa religiosa que acontece há mais de 60 anos na comunidade, segundo os moradores. Todos os anos reúne milhares de pessoas no mês de julho. Importante destacar que as devoluções dos Santos sempre fizeram parte da cultura da comunidade de Tamanduazinho, que já foi relatado pelo morador mais velho. Como mostra nas imagens (figura 26) , a festividade do sagrado coração foi realizada em julho de 2023.

Figura 26 - Imagens da festa do sagrado coração de Jesus



Fontes: autor (2023)

A festa representa uma cultura que todos os anos no período da realização, muitas pessoas vem de fora da comunidade, inclusive famílias que se mudaram da comunidade. Durante a festa tem a venda de comidas típicas, leilões, bingos etc.

Todos os dias, os moradores de Tamanduazinho tem uma dinâmica muito forte com o rio. Como destacou o moradores em suas falas, o rio para tomar banho, fazer as porfias de rabetas fazem parte da cultura dos moradores, é importante destacar, que, as falas do mais velho e dos mais jovens estão no mesmo sentido. O rio como principal elemento para a

cultura da comunidade. Na imagem (figura 27), podemos observar o ribeirinho tomando banho no rio, isso se repete todos os dias.

Figura 27 - Imagem de ribeirinho tomando banho no rio



Fontes: autor (2023)

Assim, os rios durante muito tempo foram e continuam sendo em muitas áreas da Amazônia o referencial e o diferencial na organização espaço-temporal e cultural das populações. O rio é referência de múltiplas vivências, experiências e relações cotidianas que se manifestam e se reproduzem nas práticas espaciais e no imaginário social. (CRUZ, 2011)

O autor destaca a importância do rio, não apenas como vias de transporte, mas como elementos fundamentais que moldam tanto a organização espacial quanto a cultura das populações ribeirinhas. Os rios têm servido historicamente como pontos de referência essenciais para as comunidades ribeirinhas. Eles não são apenas cursos d'água, mas também têm uma dimensão cultural e simbólica significativa. O rio é o centro de diversas vivências e experiências cotidianas para os moradores de Tamanduazinho.

Segundo Cruz (2011) a organização espaço-temporal, os rios desempenham um papel crucial na organização do espaço e do tempo para as comunidades ribeirinhas. A localização das comunidades muitas vezes está relacionada à proximidade dos rios. Além de sua utilidade prática, os rios desempenham um papel central na cultura cotidiana das populações ribeirinhas. Eles influenciam as práticas de pesca, transporte, agricultura e muito mais.

Nesse sentido, é que o rio representa em seu uso diário para os ribeirinhos de Tamanduazinho uma cultura, o uso para a sociabilidade, faz com o mesmo represente uma materialidade no uso pelos moradores. Nas imagens (figura 28) podemos ver os moradores em momento de sociabilidade e o uso do rio.

Figura 28 - Imagens de ribeirinhos no rio



Fontes: autor (2023)

Segundo Cruz (2004) o rio continua tendo uma importância fundamental para a vida das populações que vivem as suas margens, sendo o referencial central da “geograficidade” ou seja, no seu modo de vida, além da temporalidade e do seu imaginário. A importância do rio para os moradores é essencial para a formação das suas identidades e sua relação com a cultura ribeirinha.

3.3. As relações de poder na comunidade de Tamanduazinho

Na última parte dessa pesquisa, vamos falar sobre as relações de poder que existem na comunidade. Para entendermos tais relações, buscamos conversar com os moradores que puderam falar sobre essas relações. Na entrevista a seguir, o morador fala sobre sua visão

sobre essas relações. Perguntado sobre as relações de poder existente na comunidade, o ribeirinho (19) diz:

Aqui existem algumas intricas por causa de mato, já teve briga de vizinho com vizinho por causa de terra, eu moro aqui desde criança e posso te dizer que hoje em dia esse negócio de divisa aumentaram muito, hoje ninguém pode pisar no que o do outro que tem essas brigas, pessoal colocam até praca pra não coloracarem malhadeira e nem matapí na berada, tem morador ai que cerca tudo o mato para ninguém nem passar pelo caminho, é assim, as coisas vão mudando, né [...] **(Ribeirinho 19, trabalhador, 48 anos, 18 de abril de 2023)**

O morador menciona em sua fala a existências de uma dinâmica interessante relacionada ao poder sobre o território na comunidade de Tamanduazinho. Ele aponta que, ao longo dos anos, houve um aumento nas disputas de terra e limites de terrenos entre os moradores. Essas disputas se tornaram motivo de brigas entre vizinhos, o que indica uma mudança nas relações sociais e na maneira como a terra é percebida e controlada na comunidade. Nesse sentido ao abordar o território sobre o seu uso é que podemos entender das suas particularidades que os moradores tem sobre ele, ou seja, o poder é manifestado nas diferentes perspectivas

O conceito de território tem aparecido ao longo do tempo e na maior parte das abordagens como capaz de apreender uma das principais dimensões do espaço geográfico, a sua dimensão política ou vinculada às relações de poder dentro das diferentes perspectivas com que se manifesta o poder (HAESBAERT, 2007, p.36).

Como menciona o autor, essas relações são manifestadas através dessas dimensões do uso. O relato do morador, mostra essas manifestações, quando os moradores colocam cercas para demarcar suas terras e evitam que outras pessoas transitem por seus caminhos. Além disso, há moradores que cercam completamente áreas do seu terreno para impedir o acesso de outras pessoas. Essas ações refletem uma crescente preocupação em estabelecer limites claros e exclusividade sobre a terra.

Essas mudanças nas relações do uso do território podem estar relacionadas a uma série de fatores, como o aumento do preço do açaí, a escassez de terras disponíveis ou uma mudança nas percepções sobre a propriedade da terra. Essas mudanças podem afetar a dinâmica social na comunidade de Tamanduazinho, uma vez que criam conflitos entre os moradores e alterar a forma como eles interagem e compartilham o espaço.

As complexas relações de poder e controle que surgiram em decorrência dessas transformações, podem afetar a dinâmica social entre os moradores. Nas imagens (figura 29) podemos ver como os moradores demarcam suas terras, colocando até mesmo placas proibindo o uso daquela delimitação de terra ou beira de rio.

Figura 29 - Imagens que representam demarcação e proibição do uso do território



Fontes: autor (2023)

Essa prática demarcar o território daquele sujeito ou grupo, estabelecendo assim “relações de poder” sobre aquele determinado limite. Ao delimitar, por meio das divisas, o seu território (a sua propriedade ou uma determinada área para uso coletivo de um grupo), os ribeirinhos também incutem medo, aos que por algum motivo não podem ter acesso a esse território. (VIANA, 2017. p.18)

Essas práticas de demarcação de terras são bem vistas na comunidade de Tamanduazinho, isso mostra que essas relações acontecem dentro do seu território. Nas comunidades ribeirinhas do Baixo Tocantins essa prática da demarcação de território por meio de divisas, ocorrem nas diversas comunidades. Essa demarcação não apenas define a propriedade de um sujeito ou grupo sobre uma área específica, mas também estabelece "relações de poder" nesse limite.

A demarcação das terras tem várias consequências. Em primeiro lugar, ela define quem controla e é responsável por aquela área, seja para fins de moradia, agricultura, pesca ou outros usos. No caso da comunidade de Tamanduazinho, o uso da terra demarcada com estacas e placas de proibição da área do rio. Como mencionado na citação de Viana (2017) aqueles que não têm acesso ao território demarcado podem sentir medo. Isso pode ser devido a preocupações sobre possíveis conflitos com os ocupantes legais da terra ou porque a área é vista como privada e, portanto, inacessível.

Essa prática também está intimamente ligada à ideia de pertencimento e identidade. A demarcação do seu território, os ribeirinhos reforçam sua conexão com a terra e afirmam seu direito de ocupá-la. Isso faz parte da construção da identidade territorial ribeirinha, que é fundamental para essas comunidades.

No entanto, é importante notar que a demarcação do território pode ter problemas sociais complexos, especialmente em comunidades menores. Isso pode criar exclusividade e até mesmo uma divisão entre os moradores, dependendo de como é realizada e praticada. Portanto, essa prática deve ser entendida dentro de um contexto mais amplo de relações sociais, culturais e territoriais nas comunidades ribeirinhas (VIANA, 2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender as mudanças, permanências na identidade territorial ribeirinha na comunidade Tamanduazinho no município de Cametá. No contexto das transformações sociais, culturais e principalmente no modo de vida dos moradores, buscamos através de uma abordagem qualitativa e de análise de entrevistas realizadas através de trabalhos de campos na comunidade, foram definidos objetivos específicos, incluindo a Análise as relações dos moradores de Tamanduazinho com os rios e a floresta no passado e no presente; Comparar os costumes de sociabilidade dos moradores mais velhos e dos mais jovens, o que pode evidenciar transformações geracionais na comunidade. Através desses objetivos, foi possível alcançar os resultados e tendo uma análise mais profunda sobre a identidade territorial ribeirinha e o modo de vida dos moradores de Tamanduazinho.

Os resultados desta pesquisa revelaram que as mudanças na comunidade de Tamanduazinho são evidentes, especialmente na relação com o ambiente natural. O acesso à energia elétrica e a presença de aparelhos eletrodomésticos, como máquinas de lavar roupa e geladeiras, impactaram significativamente o modo de vida dos moradores. Isso permitiu uma maior comodidade no dia a dia, mas também influenciou práticas tradicionais, como a forma de preparar o açaí e outras atividades relacionadas ao rio e à floresta.

Além disso, as relações de poder sobre o território também emergiram como um tema significativo. As demarcações e divisas de terras se tornaram mais proeminentes, refletindo o crescimento das intrincas e dos conflitos relacionados ao uso da terra e à posse. Essa dinâmica revela a complexidade das relações sociais e culturais nas comunidades ribeirinhas.

Com base nos resultados desta pesquisa, foi possível confirmar a hipótese de que as mudanças na comunidade de Tamanduazinho são evidentes e têm um impacto profundo na identidade territorial ribeirinha. A modernização trouxe consigo muitas mudanças e isso refletiu no modo de vida desses moradores, mas não devemos dizer que existem uma perda de identidade, e sim, uma nova forma de como os moradores se organizam e como eles interajam.

Cruz (2008) fala das particularidades das temporalidades da população ribeirinha que segundo ele são definidas por elementos fundamentais como a tradição e a dinâmica com a natureza, o que vale dizer, que as suas identidades são marcadas por essas dinâmicas com o rio e a floresta.

As características únicas de um território, sejam elas naturais ou culturais, contribuem para moldar a identidade desse grupo e suas interações com o espaço. Essa visão ampla de território e identidade territorial é fundamental para entender as comunidades ribeirinhas na Amazônia, onde a relação com o rio, a floresta e outros elementos naturais é fundamental na construção de sua identidade territorial. Isso também destaca a importância de reconhecer as múltiplas dimensões culturais e sociais que influenciam as dinâmicas territoriais nas diferentes regiões do mundo.

Como direcionamento para futuras pesquisas, sugere-se uma análise mais aprofundada das dinâmicas sociais e culturais nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, levando em consideração os efeitos de políticas públicas, práticas da conservação das identidades e outras variáveis que estejam mudando de certa forma a realidade dessas comunidades. Em última análise, este trabalho destaca a importância de compreender e preservar as identidades territoriais ribeirinhas, não apenas como um marco cultural e social e sim pelas suas dinâmicas e que muitas vezes são esquecidas.

Referências

- ADAMS, C., & MCSWEENEY, K. **Territorial identity and perceptions of environmental change in Amazonian riverine communities.** *The Professional Geographer*, 71(2), 321-334.2019.
- BASTOS, C. L.; KELLER, V. **Aprendendo a aprender.** Petrópolis: Vozes, 2015.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999.
- CARVALHO, E. J. G. **Políticas públicas e gestão da educação no Brasil.** Maringá: Eduem, 2012.
- CRUZ, V. do C. **Pela outra margem da fronteira: território, identidade e lutas sociais na Amazônia.** Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- CRUZ, V. C. **“No Espelho das Águas do Rio Tocantins me Vejo Caboclo”: Territó(rio), Imagina(rio) e Identidade na Amazônia Ribeirinha.** In: Anais do VI Congresso Brasileiro de Geógrafos. AGB Goiânia: 2004.
- CRUZ, V. C. (2008). O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In Trindade Jr., Saint-Clair C., & Tavares, M. G. C. (Orgs.). **Cidades Ribeirinhas da Amazônia: mudanças e permanências**, 49-69. Belém: EDUFPA.
- CRUZ, V. **O Rio como espaço de referência identitária na Amazônia: considerações sobre a identidade ribeirinha.** Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro: ANPUR, 2011
- CRUZ, V. C. **Comunidades tradicionais, (re)configurações identitárias e lutas sociais por reconhecimento de territórios na Amazônia.** In: VIII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 2009, CURITIBA. ANAIS DO VIII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 2009
- CHAVES, Maria R.; BARROSO, Silvana C.; LIRA, Talita M. **Populações tradicionais: manejo dos recursos naturais na Amazônia.** *Revista Praia vermelha*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 111-122, jul./dez. 2009.
- CHAVES, Maria P. S. R. **Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá.** 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- COELHO, Marilene. **A Imediaticidade na prática profissional do assistente social.** In: FORTI, Valeria; GUERRA, Yolanda. *Serviço Social: temas, textos e contextos.* Coletânea nova de Serviço Social. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2010. p.23-46.

FERNANDES, Joyce Sampaio Neves; MOSER, Liliane. **Comunidades tradicionais: a formação socio-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas**. Revista Katálysis, v. 24, p. 532-541, 2021.

FRAXE, Therezinha et al. **Os povos amazônicos: identidades e práticas culturais**. In: PEREIRA, Henrique dos Santos (Org.). Pesquisa interdisciplinar em ciências do meio ambiente Manaus: EDUA, 2009.

GALLO, Fabricio. **TERRITÓRIO USADO E MODERNIZAÇÃO SELETIVA NOS TERRITÓRIOS NACIONAIS SUL-AMERICANOS: A AÇÃO GEOPOLÍTICA DO ESTADO BRASILEIRO ATRAVÉS DE CONVÊNIOS ENTRE O BNDES E A ALADI**. Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia, v. 10, n. 1, p. 72-82, 2012.

GONÇALVES, A. Em busca do diálogo do controle social sobre o estilo de vida. In: VILARTA, R. (ed.). **Qualidade de vida e políticas públicas: saúde, lazer e atividade física**. Campinas: IPES Editorial, p. 17-27, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" a multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. **Território e Multiterritorialidade: um debate**. In: Geografia. Ano IX, nº 17, 2007.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a Reclusão Territorial (ou: do Hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO; F. G. B. HAESBAERT, R. (Orgs.). **Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 136 p, 2007.

_____. Quem Precisa de Identidade? In: Silva, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Grupo —as (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: La production de l'espace. 4 ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Primeira versão: início – Fev, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **Introdução à Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.

MARZALL, K. **Território e Identidade Cultural**. GeoTextos, 4(2), 91-109. 2008.

MORALES, J. M. **Identidade territorial e coesão social**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, 17(3), 549-563. 2015.

MORÁN, Emilio F. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. (Coleção Ecologia & Ecosofia). São Paulo: Vozes, 1990.

NETO, José Paulo. **Para a crítica da vida cotidiana**. In: FALCÃO, Maria do Carmo; NETO, José Paulo. Cotidiano: conhecimento e crítica. – São Paulo: Cortez, 2014.

OLIVEIRA, E. **Identidade territorial: conceitos, métodos e processos de análise**. GeoTextos, 7(2), 11-30. 2011.

OLIVEIRA, S. L.. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses: Pioneira, 2007**

OLIVEIRA, R. F. R. **Identidade territorial e desenvolvimento local na Amazônia: o caso das comunidades ribeirinhas do médio rio Negro**. 2012.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Ática. 1993.

SACK, R. D. **Human territoriality: Its theory and history**. Cambridge University Press. 1986.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Editora da Universidade de São Paulo. 2004.

SANTOS, M. O retorno do território. **Território: globalização e fragmentação**, 2002.

SILVA, Iêda Rodrigues da. **Modo de vida ribeirinho: construção da identidade amazônica**. Jornada internacional de políticas públicas, v. 7, p. 1-12, 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, I. E de; GOMES, P. C. da Costa; CORREA, R. L. (orgs.) Geografia Conceitos e Temas. 2. ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2000

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro da. **Diferenciação Espacial e Formação de Sub-Região: o baixo Tocantins na Amazônia Oriental**. In. SILVEIRA, Márcio Rogério; LAMOSO, Lisandra Pereira; MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. Questões Nacionais e Regionais do Território Brasileiro. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

VIANA, Lucivaldo Teles. **Identidade Territorial Ribeirinha: Uma análise da Comunidade Pacuí de Cima, Cametá-Pará**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Faculdade de Geografia, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Universidade Federal do Pará, Cametá, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/37550734/IDENTIDADE_TERRITORIAL_RIBEIRINHA_Uma_an%C3%A1lise_da_Comunidade_Pacu%C3%AD_de_Cima_Camet%C3%A1_Par%C3%A1_Amaz%C3%B4nia_Brasil. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

APÊNDICE A – Formulário de pesquisa campo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA

TEMA: **IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA:** Mudanças e Permanências na comunidade de Tamanduazinho no município de Cametá- PA

DISCENTE: PABLO PATRICK LOPES MOREIRA

ORIENTADOR (A): PROFA. DRA. GLEICE KELLY DA COSTA MENEZES

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO APLICADO NA COMUNIDADE DE TAMANDUAZINHO

DATA: _____ HORA: _____ NUMERO DA CASA: _____

SEXO: _____ IDADE: _____ OCUPAÇÃO: _____

Parte 1: Relações dos Moradores com o Rio e a Floresta no Passado
Você sabe como a comunidade foi formada e quem foram os primeiros habitantes?
Há quanto tempo você vive na Comunidade de Tamanduazinho e quais são suas lembranças mais antigas da relação com o rio e a floresta?
Quais eram as principais atividades realizadas pelos moradores no passado, que envolviam o rio e a floresta?
Como era o uso do rio para transporte? Você tem lembranças de embarcações utilizadas e histórias relacionadas a viagens?
Quais os recursos naturais da floresta eram importantes para a subsistência da comunidade no passado? Como eram utilizados esses recursos no cotidiano?
Existiam práticas de pesca na época? Quais técnicas e instrumentos eram utilizados pelos moradores para a pesca?

Continua...

Parte 2: Relações dos Moradores com o Rio e a Floresta no Presente

7. Atualmente a navegação são feitas em quais meios de transporte?

8. Quais são as principais atividades de subsistência desenvolvidas na comunidade atualmente, relacionadas ao rio e à floresta?

9. Quais são os desafios enfrentados pela comunidade em relação ao uso do rio e da floresta no presente?

10. Atualmente existem práticas de pesca na comunidade? Quais?

11. Você acha que existem mudanças em relação ao uso do rio e da floresta atualmente?

Continua...

Parte 3: concepções dos moradores jovens e idosos

12. Pra você, atualmente quais são as principais mudanças que ocorrem na comunidade?

13. Como você vê o passado dos moradores, já ouviu história? Você acha que as mudanças ocorridas na comunidade melhoraram?

Parte 4: as relações dos moradores com a modernização

14. Qual são os meios de comunicação utilizada atualmente na comunidade?

15. Você acha que houve mudanças nas formas de alimentação na comunidade? Onde são realizadas as compras? Você cria algum tipo de aves para alimentação?

16. Você acha que houve mudanças nas moradias na comunidade? Quando começou ocorrer?

17. Na sua residência tem eletrodoméstico? Quais? Você acha que houve mudança e melhorias com o uso dos eletrodomésticos?

Continua...

Parte 5. Cultura, sociabilidade e poder

18. Quais os meios de sociabilidade e de cultura que existam no passado?

19. atualmente quais são os meios de sociabilidade e cultura na comunidade?

20. você acha que existem relações de poder na comunidade?

ANEXO A – Termo de consentimento das entrevistas



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre ***A Identidade territorial ribeirinha: mudanças e permanências na comunidade de Tamanduazinho-Cametá-Pará*** e está sendo desenvolvida por **Pablo Patrick Lopes Moreira com a orientação da Profa. Dra. Gleice Kelly da Costa Menezes** pesquisadores da Universidade Federal do Sul/Sudeste do Pará

O objetivo desse estudo **é analisar as mudanças e as permanências na identidade territorial ribeirinha e no modo de vida dos moradores da comunidade de Tamanduazinho em Cametá-Pará**, Solicitamos a sua colaboração para a construção dessa pesquisa de trabalho de conclusão de curso, bem como sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área acadêmica e publicar em revistas científicas nacional e/ou internacional.

Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Marabá, ____ de _____ de _____

Assinatura do entrevistado

Contato: pablo@unifesspa.edu.br

ANEXO B – Capa do livro contando a história da comunidade

**Histórias e Memórias:
Comunidade de
Tamanduá**



Leopoldo Nogueira Santana Junior

Cametá – Para - Julho-2015

ANEXO C- OFÍCIOS SOLICITAÇÃO DE DADOS



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA**

Folha 31, Quadra 7, Lote especial, Marabá – Pará CEP: 68507-590

Marabá, 18 de novembro de 2022

Ofício N.º 003/2022 – FACULDADE DE GEOGRAFIA

Ao(à) Senhor(a) GODOFREDO FIGUEIRA

Cargo/função na instituição AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE

ASSUNTO: Solicitação de informações para trabalho de conclusão de curso

Servimo-nos deste para solicitar informações/dados de sua instituição para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso do discente Pablo Patrick Lopes Moreira, matrícula 201940210017. O discente encontra-se regularmente matriculado no curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará no oitavo período do curso. Agradecemos a atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para qualquer dúvida.

Atenciosamente,

Gleice Kelly Gonçalves da Costa

Prof. Dr. Gleice Kelly Gonçalves da Costa
Vice-Diretora da Faculdade de Geografia
Portaria n° 1402/2021

ANEXO D – OFÍCIO SOLICITAÇÃO DE DADOS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA
Folha 31, Quadra 7, Lote especial, Marabá – Pará CEP: 68507-590

Marabá, 18 de novembro de 2022

Ofício N.º 003/2022 – FACULDADE DE GEOGRAFIA

Ao(à) Senhor(a) ROBERTO CAPELACargo/função na instituição COLÔNIA 2-16 (CONDENADO)**ASSUNTO: Solicitação de informações para trabalho de conclusão de curso**

Servimo-nos deste para solicitar informações/dados de sua instituição para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso do discente Pablo Patrick Lopes Moreira, matrícula 201940210017. O discente encontra-se regularmente matriculado no curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará no oitavo período do curso. Agradecemos a atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para qualquer dúvida.

Atenciosamente,

Gleice Kelly Gonçalves da Costa

Prof. Dr.ª Gleice Kelly Gonçalves da Costa
Vice-Diretora da Faculdade de Geografia
Portaria n.º 1402/2021